

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ELICA CRISTINA SIMONETTI**

**PLACARES NOS REGIMES:  
COPAS DO MUNDO E DITADURAS EM BRASIL E ARGENTINA EM 1970 E EM 1978**

**CHAPECÓ  
2025**

**ELICA CRISTINA SIMONETTI**

**PLACARES NOS REGIMES:**

**COPAS DO MUNDO E DITADURAS EM BRASIL E ARGENTINA EM 1970 E EM 1978**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada.

Orientador: prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

**CHAPECÓ**

**2025**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Simonetti, Elica Cristina

Placares nos regimes: Copas do Mundo e ditaduras em Brasil e Argentina em 1970 e 1978 / Elica Cristina Simonetti. -- 2025.

84 f.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2025.

1. Futebol. 2. Ditadura militar. 3. Copa do Mundo de 1970. 4. Copa do Mundo de 1978. I. Miranda, Antonio Luiz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**ELICA CRISTINA SIMONETTI**

**PLACARES NOS REGIMES:**

**COPAS DO MUNDO E DITADURAS EM BRASIL E ARGENTINA EM 1970 E EM 1978**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada.

Este trabalho foi examinado e aprovado pela banca em 11/07/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**ANTONIO LUIZ MIRANDA**

Data: 16/07/2025 09:24:31-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof Dr. Antonio Luiz Miranda - UFFS**

**Orientador**

Documento assinado digitalmente



**GERSON WASEN FRAGA**

Data: 16/07/2025 11:51:42-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof Dr. Gerson Wasen Fraga - UFFS**

**Avaliador**

Documento assinado digitalmente



**JAISSON TEIXEIRA LINO**

Data: 17/07/2025 13:33:16-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Prof Dr. Jaisson Teixeira Lino - UFFS**

**Avaliador**

Dedico este trabalho aos que foram expulsos  
da vida antes do apito final, por ousarem  
driblar a repressão.

## AGRADECIMENTOS

A realização de um sonho é um caminho cheio de etapas e desafios profundos. Para se tornar realidade, passa por inúmeras pessoas e encontros, que fazem tudo valer a pena. Celebrar uma conquista é celebrar a história, e todas as pessoas que fizeram parte dela.

Início agradecendo aos governos dos anos entre 2003 e 2016, que sempre apoiaram e fomentaram a educação e a agricultura familiar. Sem ele e suas políticas públicas, não teria sido possível ingressar e permanecer em uma universidade pública, federal e de qualidade.

Aos meus pais, Ironi e Marilene, e ao meu irmão, André: meu amor e eterna gratidão. Vocês sempre estiveram ao meu lado torcendo, incentivando e acreditando. Vocês tornaram meu amor pelo esporte, pela licenciatura e pela pesquisa possíveis. Obrigada por estarem sempre comigo.

À minha companheira Isabelle, que viveu comigo cada página escrita e cada emoção sentida: obrigada por ser amor e abrigo. Também, ao Anakin e à Leia, felinos que ganharam o meu coração: seus ronrones silenciosos trouxeram leveza e afeto aos dias mais difíceis.

À toda a minha família de sangue e coração, em especial as famílias Périco, Pérego e Zitkoski: obrigada por acompanharem e vibrarem comigo em cada etapa da minha formação. Especialmente, agradeço a quem não está mais aqui: nono Nino, nona Maria, dona Alexandrina, seu Luís, tia Nega e Gracieli. A presença de vocês foi intensa durante esse processo, presencial ou espiritualmente.

Ao meu orientador, Antonio Luiz Miranda, que acolheu com entusiasmo a proposta desta pesquisa: obrigada pela escuta, por cada conversa e por todo o apoio. Também, aos membros da banca, Gérson e Jaisson, pela generosidade de compor este momento.

Agradeço a todas as pessoas que a universidade proporcionou o encontro. Uma universidade pública, federal e de qualidade é feita assim: de encontros que transformam e experiências que nos ensinam e nos fazem ver a vida com outros olhos. Agradeço pelas conversas, cafés e risos entre aulas. Esses momentos aliviaram os dias mais tensos.

Por fim, é impossível não agradecer à pequena Elica, que assistia a todo tipo de jogo de futebol disponível na TV aberta. E que desde cedo se interessou pela política e discussões locais e nacionais. Aquela criança sempre sonhou em ser professora. Ela sonhou grande e nunca desistiu. Hoje, seu sonho se torna realidade. Conseguimos.

## PRÓLOGO

É do título da Copa Sul-Americana do Sport Club Internacional de 2008 que vem a minha primeira lembrança sobre futebol. É de não ir para a escola nos jogos do mundial entre seleções de 2010 que vem a minha primeira lembrança sobre a Copa do Mundo. É pelo cargo de Vereadora Mirim durante o ano de 2017, de onde veio minha compreensão sobre política, que veio o interesse maior pelo que rege o povo.

As tardes de sábado acompanhando a Série B do Campeonato Brasileiro, os muitos jogos de Copa do Mundo assistidos e os muitos minutos dedicados à leitura sobre os presidentes da República brasileira se transformaram em algo muito maior: uma pesquisa tão querida de ver acontecer. Entre tantas coisas, dedico essa pesquisa à pequena Elica. Que bom que ela se apaixonou e alimentou esse esporte desde cedo, e pôde transformar isso na, até então, mais importante de todas as pesquisas de sua vida.

A política está presente na vida das pessoas todos os dias. Entender como se deu o início da República e seus acontecimentos posteriores durante seus 136 anos de existência nos ajuda a entender o atual momento político nacional e regional. Nada acontece por acaso, nada vem do absoluto nada: tudo tem uma razão e um motivo para acontecer.

Sou colorada, e fiel torcedora do Brasil em todas as Copas do Mundo acompanhadas. Eu nunca soube explicar o que o futebol significa para mim. Gosto de saber as estatísticas, de aprender as regras e acompanhar a qualquer jogo de qualquer campeonato que possa estar sendo transmitido ao vivo e à cores ou pelas ondas do rádio. Sempre foi neste assunto que consegui expressar meus conhecimentos aprofundados. Considero o contexto histórico importantíssimo para todas as fases do futebol, primitivo ou moderno. Com as Copas do Mundo acontecendo de quatro em quatro anos, considero que cada uma delas teve um contexto histórico ímpar, onde muitas vezes o campeão tem total relação com o momento histórico mundial. Essa pesquisa foi feita com muita curiosidade e carinho, despertada pelo interesse de entender os paralelos existentes na comemoração de um título mundial em meio a um regime repressivo. A pesquisa busca responder isso.

Ao longo deste trabalho, é pretendida a reflexão sobre as relações entre o futebol e os contextos políticos do Brasil em 1970 e da Argentina em 1978. Mais do que um esporte, o futebol se mostra como um espelho da sociedade, influenciado por e influenciando os rumos do país. Que essa pesquisa sirva como ponto de partida para novas perguntas e olhares atentos sobre o que está por trás das quatro linhas.

O futebol é a pátria, o poder é o futebol: *eu sou a pátria*, diziam essas ditaduras militares (Galeano, 2002, p. 158).

## RESUMO

Durante o século XX, Brasil e Argentina vivenciaram regimes ditatoriais, instaurados por golpes militares, caracterizados por repressão e graves violações aos direitos humanos. Ainda, os dois países conquistaram a Copa do Mundo de futebol masculino, nos anos de 1970 e 1978, respectivamente, durante os períodos mais tensos de seus respectivos regimes. Nesse sentido, buscou-se compreender como os presidentes Emílio Garrastazu Médici do Brasil, e Jorge Rafael Videla da Argentina, utilizaram o futebol como instrumento de propaganda política, explorando a euforia popular em torno das vitórias esportivas para legitimar seus governos e encobrir as ações repressivas. Constatamos que no Brasil, Médici buscou se aproximar da população por meio de gestos simbólicos, como frequentar estádios com um radinho de pilha, além de impulsionar obras públicas para mascarar a crise. Já na Argentina, a Copa do Mundo disputada no próprio país, foi cercada por denúncias de violações aos direitos humanos e suspeitas de manipulação de resultados. Neste contexto, explorou-se o surgimento de movimentos como o das Mães e Avós da Praça de Maio, que se tornaram ícones da resistência e da luta por memória, verdade e justiça, e sua relação com os eventos esportivos que se tornaram símbolos deste período.

**Palavras-chave:** Futebol; Ditadura Militar; Copa do Mundo de 1970; Copa do Mundo de 1978.

## ABSTRACT

During the 20th century, Brazil and Argentina experienced dictatorial regimes established through military coups, marked by repression and serious human rights violations. Moreover, both countries won the FIFA Men's World Cup, in 1970 and 1978, respectively, during the most repressive phases of their regimes. In this context, this research sought to understand how Presidents Emílio Garrastazu Médici of Brazil and Jorge Rafael Videla of Argentina used soccer as a tool of political propaganda, leveraging the popular euphoria surrounding these sporting victories to legitimize their governments and conceal repressive actions. The research shows that, in Brazil, Médici sought to connect with the population through symbolic gestures, such as attending soccer matches with a portable radio, while also promoting large public infrastructural projects to mask the country's crises. In Argentina, the World Cup hosted by the country in 1978 was surrounded by allegations of human rights violations and suspicions of match results manipulation. Within this framework, the study also explores the emergence of movements such as the Mothers and Grandmothers of Plaza de Mayo, who became icons of resistance and the fight for memory, truth, and justice, and their relationship to sporting events that became symbols of the era.

**Key-words:** Soccer; Military Dictatorship; 1970 World Cup; 1978World Cup.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Gaúcho da Copa segurando uma réplica da Taça da Copa do Mundo, durante a partida entre a seleção brasileira e a colombiana, na Copa do Mundo de 2014.....	21
Figura 2 - Taça Jules Rimet.....	24
Figura 3 - Taça FIFA .....	25
Figura 4 - selo postal da Copa do Mundo de 1934.....	26
Figura 5 - general Emílio Garrastazu Médici, no quadro exposto no Congresso Nacional na linha do tempo dos presidentes da República.....	34
Figura 6 - o presidente Videla (ao centro) toma posse como presidente da República Argentina.....	35
Figura 7 - linha do tempo acerca do aumento do interesse do brasileiro pelo futebol.....	38
Figura 8 - logo oficial da Copa do Mundo de 1970.....	40
Figura 9 - Juanito, o mascote da Copa do Mundo de 1970.....	41
Figura 10 - jogadores brasileiros comemoram o gol de Jairzinho, terceiro do Brasil naquela partida.....	42
Figura 11 - capa da edição nº 16 da Revista Placar, publicada no dia 3 de julho de 1970.....	43
Figura 12 - o presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, empunha a taça Jules Rimet na chegada dos jogadores brasileiros ao Brasil com a descrição: “Médici, o presidente do melhor e mais bonito futebol do mundo”.....	44
Figura 13 - Pelé à frente do fusca recebido de Maluf.....	45
Figura 14 - extensão da Rodovia Transamazônica.....	52
Figura 15 - Estádio Governador Alberto Tavares Silva, o Albertão, no ano de 2023, no aniversário de 50 anos.....	53
Figura 16 - logo oficial da Copa do Mundo de 1978.....	59
Figura 17 - Gauchito, o mascote da Copa do Mundo de 1978.....	60
Figura 18 - jogadores da Argentina levantam a taça de campeão mundial.....	61
Figura 19 - o presidente Videla entrega a taça da Copa do Mundo para Daniel Passarella, capitão da equipe argentina.....	62
Figura 20 - Kempes comemora gol contra o Peru, em jogo polêmico.....	64
Figura 21 - Praça de Maio, com a bandeira da Argentina ao centro e a sede da presidência	

argentina ao fundo.....	67
Figura 22 - as mães protestam na Praça de Maio, com o cartaz que diz “que apareçam com vida os detidos e desaparecidos”.....	68
Figura 23 - Avós da Praça de Maio pedindo esclarecimentos sobre seus netos nascidos em centros clandestinos opressivos.....	69

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - número de participações e de títulos por seleção, em todas as Copas do Mundo realizadas.....	27
Tabela 2 - tabela comparativa de campeonatos vencidos por Brasil ou Argentina entre os anos de 1970 e 2025.....	28
Tabela 3 - campanha brasileira nas eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 1970. Entre parênteses o local da partida.....	47
Tabela 4 - evolução da quantidade de vagas para a Copa por continente durante a presidência de Havelange na FIFA.....	56
Tabela 5 - processo de prisão de Videla.....	75

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERP	Assessoria Especial de Relações Públicas
AI	Ato Institucional
AIB	Ação Integralista Brasileira
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CDB	Confederação Brasileira de Desportos
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CND	Confederação Nacional de Desportos
CNV	Comissão Nacional da Verdade
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
CONADEP	Comissão Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EAM 78	Ente Autárquico Mundial 78
ESMA	Escola Superior de Mecânica Marinha
FIFA	Federação Internacional de Futebol
OEA	Organização dos Estados Americanos
PCB	Partido Comunista do Brasil
UCR	União Cívica Radical
UDN	União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1 POPULISMO E ESPORTE: EXPERIÊNCIA DE VARGAS E PERÓN.....	16
1.2 O FUTEBOL.....	20
1.3 A COPA DO MUNDO.....	23
1.4 A RIVALIDADE: BRASIL X ARGENTINA.....	27
1.5 AS DITADURAS.....	31
1.5.1 O BRASIL.....	32
1.5.2 A ARGENTINA.....	35
<b>2. A COPA DO MUNDO DE 1970: O TRICAMPEONATO DA CANARINHO.....</b>	<b>37</b>
2.1 O PAÍS DO FUTEBOL.....	37
2.2 A COPA DO MUNDO DE 1970.....	39
2.3 O COMANDO TÉCNICO DA SELEÇÃO BRASILEIRA.....	46
2.4 O GOVERNO DO PRESIDENTE MÉDICI.....	49
<b>3. A COPA DO MUNDO DE 1978: O TÍTULO DA SELEÇÃO DA CASA.....</b>	<b>55</b>
3.1 A ESCOLHA DA SEDE.....	55
3.2 A COPA DO MUNDO DE 1978.....	58
3.2.1 A GOLEADA SOBRE O PERU: A POLÊMICA DENTRO DO CAMPO.....	62
3.3 AS MÃES DA <i>PLAZA DE MAYO</i> .....	67
3.4 O GOVERNO DO PRESIDENTE VIDELA.....	71
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>79</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 POPULISMO E ESPORTE: EXPERIÊNCIA DE VARGAS E PERÓN

As relações entre esporte e governo entre Brasil e Argentina começaram muito antes de suas ditaduras militares mais sangrentas. No Brasil, Getúlio Dornelles Vargas apareceu na cena nacional após um golpe que impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes. Após 7 anos de governo ininterruptos, Vargas deu mais um golpe, o do Estado Novo, que concentrou ainda mais os poderes nele mesmo e durou até 1945. Na Argentina, Juan Domingo Perón aparece na cena em 1943, como chefe do Departamento Nacional do Trabalho<sup>1</sup>. Não tardou para que Perón fosse nomeado Ministro da Guerra, além da chefia da Secretaria de Trabalho e Previsão<sup>2</sup>. Foi somente em junho de 1946 que ele se tornou presidente, em dois mandatos que duraram até 1955.

Os dois presidentes procuraram dispor de uma retórica populista, principalmente através da criação de leis trabalhistas. Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio ainda em novembro de 1930, dias após a sua posse. Em 1º de maio de 1940, o então presidente fez seu primeiro comício no Dia Internacional do Trabalho, o qual começava com “trabalhadores do Brasil”. Este primeiro ocorreu no Estádio São Januário, e foi transmitido no rádio. Perón, ainda antes de ser presidente, manteve forte vínculo com os dirigentes sindicais, apoiando aliados, perseguindo opositores e aprovando decretos de cunho social. Ainda, aprovou medidas como barateamento das cestas básicas, controle dos preços de aluguéis e suspensão dos despejos, além de usar os meios de comunicação massivos para se aproximar ainda mais do povo. No 1º de maio argentino, havia desfiles na capital argentina, encabeçados pelo presidente. Na *Plaza de Mayo*, ele e a então esposa, Eva Perón, discursavam.

Durante seus respectivos primeiros governos, Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955) alcançaram feitos inéditos relacionados ao esporte em seus países: o brasileiro aproximou as relações do futebol com o povo, enquanto o argentino teve sua imagem vinculada ao grande número de modalidades esportivas diferentes (Costa, 2008). O Brasil sediou a Copa Roca<sup>3</sup> em 1939 e em 1940, além da Copa Rio Branco<sup>4</sup>, também em 1940. Mas

---

<sup>1</sup> Originalmente: Departamento Nacional del Trabajo.

<sup>2</sup> Originalmente: Secretaría del Trabajo y Provisión.

<sup>3</sup> Partida disputada entre Brasil e Argentina, com 23 confrontos entre os anos de 1914 e 1976. Após a denominação do Superclássico das Américas, houve mais três disputas, entre 2012 e 2014.

<sup>4</sup> Partida disputada entre Brasil e Uruguai, com 20 partidas disputadas entre os anos de 1931 e 1976.

a competição de maior importância para o Brasil durante a Era Vargas<sup>5</sup> foi a Copa do Mundo de 1938, na qual o Brasil conseguiu o 3º lugar. As partidas foram transmitidas no rádio, o que fez um grande público parar para ouvir como estava o desempenho da seleção na Copa. É importante o entendimento que o mundo passou pela Segunda Guerra Mundial entre os anos de 1939 e 1946, coincidindo com seis dos quinze anos do governo varguista. Já na Argentina de Perón, houve a disputa do campeonato mundial de basquete, em 1950, e o primeiro Pan-Americano<sup>6</sup>, realizado em 1951, na cidade de Buenos Aires. Assim sendo, Perón era um presidente associado aos esportes, e os atletas ofereciam suas vitórias ao presidente e sua então esposa. Seus governos, com clima festivo e cheio de novas leis trabalhistas, procurava ocultar as facetas autoritárias de Vargas e Perón (Costa, 2008).

Além de vizinhos do Cone Sul americano, Vargas e Perón possuem outras semelhanças: os dois perpetuaram-se no poder para além do tempo pelo qual era esperado; os dois se aproximaram do povo através de ações trabalhistas; os dois foram afastados de seu primeiro governo pelas Forças Armadas; os dois voltaram anos depois, através do voto direto; e os dois faleceram durante seu mandato e causaram comoção popular. Além disso tudo, suas mortes precederam o período em que o Exército pôde voltar à cena nacional, como chefes do poder executivo dos países de Brasil e Argentina. Durante esses períodos, o que os militares mais queriam era afastar suas imagens dos antecessores, reconhecendo Getúlio Vargas (no Brasil) e Juan Perón (na Argentina) como ditadores.

No início do governo de Vargas, existia um empecilho com relação à profissionalização e seu contraposto, o amadorismo do futebol no país. Havia duas confederações responsáveis pelo controle do futebol no Brasil, sendo a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) pelos que desejavam a profissionalização total do futebol e a Confederação Nacional de Desportos (CND), que desejava a continuação do amadorismo. A disputa da Copa do Mundo de 1934, uma das piores campanhas da história da seleção brasileira, foi diretamente afetada, visto que os jogadores convocados que atuavam em equipes paulistas não poderiam participar. Foi na aproximação das duas federações do futebol masculino que Vargas viu um importante passo para a integração nacional. Dessa forma, em 1938, Getúlio se despediu de cada jogador que foi para a Copa, ressaltando a importância do título para o Brasil e para o regime. A seleção não foi campeã, mas teve o melhor resultado até então (3º lugar), e foi recebida com festa em sua volta.

---

<sup>5</sup> Termo relativo ao período do primeiro governo de Getúlio Vargas, sendo de 1930 até 1945.

<sup>6</sup> Competição realizada entre os países das Américas do Sul, Norte e Central, com o objetivo de fortalecer o esporte nessas regiões. São disputadas várias modalidades esportivas, e muitas vezes servem para classificação de países nas Olimpíadas.

Na Argentina, ainda antes do governo de Perón, um certo cidadão emprestou dinheiro público para a finalização das construções dos estádios Monumental de Nuñes e La Bombonera, onde River Plate e Boca Juniors<sup>7</sup>, respectivamente, mandam seus jogos. Em 1937, no governo de Agustín Pedro Justo, foi criada a Comissão Assessora Honorária para Administrar o Fundo dos Esportes<sup>8</sup>, e por essa comissão foi aprovado o empréstimo de 2.500.000 pesos ao River Plate, e 1.600.000 pesos ao Boca Juniors. O dinheiro fornecido aos dois clubes de futebol para suas construções privadas era público. Justo é a única pessoa a ter recebido o título de cidadão honorário dos dois clubes, pela ajuda financeira.

Mesmo com o apoio dos presidentes ao esporte, nem todos os atletas apoiavam os generais. O jogador de futebol Leônidas da Silva, nas eleições de 1945, declarou seu voto em Yedo Fiúza, candidato do Partido Comunista do Brasil (PCB). Dessa forma, um dos maiores ídolos da época declarou proximidade com o Partido Comunista (Costa, 2008). No caso argentino, o piloto Eusebio Marcilla se recusou a usar a propaganda oficial do governo em seu carro, e sofreu severas punições, como ter o nome retirado da isenção de impostos de peças para o carro.

A relação dos dois presidentes com os jornais era conflituosa. Durante o Estado Novo (1937-1945), Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Ele era responsável por divulgar a propaganda do governo e pela censura de informações. Foi extinto ao fim do seu primeiro governo. Já no segundo governo, havia dois jornais no Distrito Federal (atual cidade do Rio de Janeiro) que exaltavam Vargas, como a Última Hora e o esportivo Jornal dos Sports. Ainda havia outro anti-getulista, o jornal Tribuna da Imprensa, comandado pelo filiado à União Democrática Nacional (UDN), Carlos Lacerda. Na Argentina, no governo peronista, havia dois jornais esportivos que assumiam caráter político: o Mundo Deportivo, que exaltava o governo de Perón, e o El Gráfico, anti-peronista.

No Brasil, entre o final do primeiro governo de Vargas e o início da ditadura militar, passaram-se 19 anos, e durante esse período o país passou por uma experiência democrática, ficou endividado e os militares iam ganhando cada vez mais poder, até o golpe militar, em 1964. Já na Argentina, entre o final do primeiro governo de Perón e o início da sua ditadura militar, passaram-se 21 anos, período em que ocorreram dois golpes militares, até o terceiro, em 1976.

---

<sup>7</sup> Duas importantes equipes de futebol sediadas na cidade de Buenos Aires. Os estádios dos dois clubes estão situados a menos de 15 quilômetros um do outro.

<sup>8</sup> Originalmente: Comisión Asesora Honoraria para administrar El Fondo de los Deportes.

Como já destacado, os dois presidentes faleceram durante seus respectivos segundos governos. Em agosto de 1954, Vargas estava sofrendo pressões em seu governo. Diante disso, aos 72 anos, o mandatário brasileiro decidiu se suicidar, no dia 24. Antes disso escreveu sua famosa carta testamento, onde disse que “serenamente dou o primeiro passo para a eternidade, e saio da vida para entrar na história”. Perón, por sua vez, faleceu no dia 1º de julho de 1974, aos 78 anos. Diferente do brasileiro, o argentino sofria de uma doença arterial coronariana há vários anos, tendo a causa da morte definida como parada cardiorrespiratória.

A influência por meio dos esportes e propaganda política não foi inventada por Getúlio Dornelles Vargas e Juan Domingo Perón. E eles não foram os primeiros ou os últimos governantes a usar dessa prática. Como será visto adiante, anos mais tarde, outros governantes utilizaram-se disso nos mesmos países de Brasil e Argentina. A partir disso, o primeiro capítulo tratará de como o futebol se tornou símbolo de nacionalismo e paixão nacional, perpassando pelo campeonato da Copa do Mundo conquistada por cada país, 1970 para o Brasil e 1978 para a Argentina. Ainda, serão introduzidos brevemente Brasil e Argentina na década de 1970, e como chegaram ao seu respectivo período ditatorial, de maneira introdutória.

Por sua vez, o segundo capítulo irá tratar sobre o Brasil, e o como o país adquiriu a alcunha de país do futebol. Além disso, será tratado acerca da Copa do Mundo de 1970, que rendeu o tricampeonato mundial ao país. Há dois meses de começar o campeonato mundial de 1970, o Brasil trocou de técnico, o que gerou suspeitas de ter sido uma troca política. Ainda falando sobre o Brasil, pretende-se abordar o governo de Emílio Garrastazu Médici, um homem conhecido por obras, mas também por vasta violência durante seu período de governo.

Já no terceiro capítulo, será abordado o caso da Argentina, e como o país conseguiu ser sede de uma Copa do Mundo mesmo com acusações de violações contra os direitos humanos. Ainda, será abordado sobre a Copa do Mundo de 1978, que rendeu o primeiro título para a Argentina, e seus fatos mais importantes. Diante disso, é imprescindível tratar da goleada da Argentina sobre o Peru, que levou os argentinos para a final e eliminou os peruanos do mundial. Dada a violência do regime, nasceram algumas associações, como a Associação das Mães e das Avós da Praça de Maio, que desde a década de 1970 busca notícias sobre seus filhos desaparecidos. Por fim, será tratado sobre o governo de Jorge Rafael Videla, que foi o único dos presidentes desse período ditatorial argentino a cumprir o mandato de 5 anos, sendo um mandato com um grande evento esportivo realizado e posteriores acusações.

Para isso, os objetivos deste trabalho são identificar as semelhanças e as diferenças de Brasil e Argentina no que diz respeito à suas ditaduras militares e buscar compreender como esses dois países utilizaram do futebol para se legitimar no poder perante a população. Para dar conta desses objetivos, a metodologia utilizada será a do estudo de caso de Brasil e Argentina na década de 1970, juntamente com análise documental da época. Para falar do contexto esportivo, serão utilizadas as edições da Revista Placar nº 16 e nº 427, datadas de 3 de julho de 1970 e 30 junho de 1978, respectivamente. A edição nº 16 disserta acerca do tricampeonato brasileiro, enquanto a edição nº 427 trata do título argentino. Também, serão utilizados os Documentos Básicos e Bases Políticas das Forças Armadas para o Processo de Reorganização Nacional<sup>9</sup>, que foram um conjunto de diretrizes, planos e ações que consolidaram e legitimaram o poder do regime militar.

Esta pesquisa une política, futebol e Copa do Mundo, três coisas tão queridas pela autora, mas que despertam tantos assuntos geopoliticamente importantes, interessantes e necessários. É possível entender a história dos séculos XX e XXI analisando as Copas do Mundo e seus campeões, visto que na maioria das edições, o campeão tinha relação direta com algum contexto político, histórico, geográfico, social e econômico significativo.

## 1.2 O FUTEBOL

Até que ponto o amor por um esporte pode levar uma pessoa? Para Clóvis Acosta Fernandes (figura 1), natural de Cruz Alta, município localizado no noroeste do Rio Grande do Sul, a paixão pelo futebol o levou para todas as Copas do Mundo disputadas entre 1990 e 2014. O popular “Gaúcho da Copa” veio a falecer em 2015 aos 60 anos de idade, vítima de câncer, e sua morte causou comoção popular. Em vida, acompanhou ao vivo direto do estádio os títulos mundiais de 1994 e 2002, além do vice-campeonato, ocorrido em 1998. Três anos após sua morte, seus dois filhos, Frank e Gustavo, concederam entrevista à Placar, onde contaram como o pai tratava a sua relação com evento esportivo: “ir à Copa do Mundo, de quatro em quatro anos, é a maneira que encontrei de envelhecer sem sentir” (Castro, 2018). Assim, Acosta assistiu a sete Copas do Mundo nos estádios, além de Copas América e Olimpíadas.

---

<sup>9</sup> Originalmente: Documentos Básicos y Bases Políticas de las Fuerzas Armadas para el Proceso de Reorganización Nacional.

**Figura 1** - Gaúcho da Copa segurando uma réplica da Taça da Copa do Mundo, durante a partida entre a seleção brasileira e a colombiana, na Copa do Mundo de 2014.



Fonte: G1.com, 2015.

Em seu livro “Futebol ao sol e à sombra” (2002), Eduardo Galeano coloca o futebol como “essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás e como o gato brinca com o novelo de lã” (p. 2). Esse escrito aliado à história de Clóvis pode explicar muito sobre a paixão e a loucura que o futebol pode causar.

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo, dada sua facilidade para praticar. Para jogar é necessário ter um objeto que possa ser chutado, como um litro, um chinelo, várias folhas de papel envolvidas no mesmo bolo e pronto, a bola está ali. E como traves, podem ser utilizados dois pares de chinelos ou duas pedras, e o campo já está formado. Não se sabe ao certo a correta origem do futebol. No início, ele pode ser entendido apenas como um jogo de bola e, com a evolução das regras, se tornou o futebol que é conhecido hoje. Quanto à sua origem, há indícios de que foi na China ou mesmo nas Américas, mas o surgimento do futebol moderno se deu na Inglaterra, no dia 26 de outubro de 1863 (Santos, 2012). Segundo Galeano (2002), foi neste local que foram introduzidas as primeiras regras, mas somente na Escócia é que as equipes foram organizadas em defesa, meio e ataque, aproximando ainda mais o futebol ao esporte que ele é hoje. Com o tempo e com as muitas regras inventadas, o jogo é cada vez mais parado por algum motivo, seja uma falta, substituição ou, mais atualmente, pela atuação do VAR<sup>10</sup>, fazendo com que o jogo fique mais parado do que sendo jogado (Galeano, 2002).

---

<sup>10</sup> *Vídeo Assistant Referee.*

Nas regras atuais, para jogar uma partida de futebol, são necessários dois times com onze jogadores cada um, sendo um goleiro e dez jogadores de linha. Vence a partida quem marcar mais gols em dois tempos de 45 minutos. Existem dois tipos de jogos: as partidas de tabela e as eliminatórias. Nas partidas de tabela, não necessariamente precisa haver um vencedor e um perdedor, e a partida pode terminar empatada. Nas eliminatórias, obrigatoriamente uma das equipes precisa sair vencedora. Caso uma partida eliminatória termine empatada, acontecem outros dois tempos de 15 minutos cada, período chamado de prorrogação. Se nem assim houver um vencedor, a disputa se dá através de pênaltis. Aqui a bola é colocada a 11 metros do gol, e ficam o goleiro e o batedor frente a frente. Em suma, uma partida de futebol só pode ter três tipos de resultados: vitória, derrota ou empate. Também, em cada partida são necessários um árbitro de campo e dois bandeirinhas, a quem Galeano também dedica algumas linhas: “cartão na mão, [o árbitro] levanta as cores da condenação: o amarelo, que castiga o pecador e o obriga ao arrependimento, ou o vermelho, que o manda para o exílio. Os bandeirinhas, que ajudam, mas não mandam, olham de fora” (2002, p.10).

Desde a década de 1910, o futebol via sua popularidade crescer no Brasil. Iniciando com jornais escritos, posteriormente à emissoras de rádio e à TV, à medida que os meios de comunicação foram se modernizando, o futebol também foi se popularizando entre as camadas da população. É importante destacar, também, o período do governo de Vargas, onde o presidente utilizava do esporte para sua propaganda política, fazendo com que se popularizasse. Porém, a partir da década de 1970 e com o advento dos televisores a cor no Brasil, cada vez mais o esporte tomou conta da programação e do coração dos brasileiros. Segundo um levantamento realizado pelo Ministério do Esporte em 2013, o futebol era praticado por cerca de 42,7% da população brasileira (BRASIL, Ministério do Esporte), tornando-se, assim, o esporte mais popular do país. Como Eduardo Galeano (2002, p. 7) escreveu, “é raro o torcedor que diz: *‘meu time joga hoje’*. Sempre diz: *‘nós jogamos hoje’*”. Isso mostra um pouco da paixão pelo futebol, e da identificação pessoal que cada torcedor tem para com seu time. O futebol, assim como os demais esportes, é capaz de proporcionar novas amizades (que muitas vezes podem durar apenas os 90 minutos do jogo), além de ser uma paixão passada de geração a geração pelo mesmo clube. Essa emoção com o jogo, que Galeano (2002, p. 7) também escreve sobre: “quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, *que goleada fizemos, que surra a gente deu neles*, ou chora sua derrota, *nos roubaram outra vez, juiz ladrão*”, não acontece apenas no Brasil. País vizinho, com quem o Brasil já esteve do mesmo lado na Guerra do Paraguai e grande

rival dentro das quatro linhas, a Argentina vive a mesma coisa em relação à paixão por esse esporte. Por coincidência, também é possível destacar um governante: Perón, que fez com que os esportes se popularizassem no país, e também utilizou a imprensa esportiva para sua promoção política.

### **1.3 A COPA DO MUNDO**

A Copa do Mundo de Futebol masculino é um campeonato que ocorre de 4 em 4 anos desde 1930. Antes denominada como Taça Jules Rimet (figura 2), nomeada em razão de um antigo presidente da *Fédération Internationale de Football Association* (Associação Internacional de Futebol), a FIFA, e da Federação Francesa de Futebol, além de ser o idealizador do projeto. A primeira edição ocorreu na América do Sul, mais precisamente no Uruguai, o primeiro país campeão do mundo. Segundo o regulamento, o primeiro país que vencesse a Copa por 3 vezes ficaria com a taça em definitivo. Em 1970, os então bicampeões mundiais Brasil, Itália e Uruguai chegaram à Copa com expectativa de ficar com a Jules Rimet para sempre. As equipes de Brasil e Itália definiram isso durante a grande final da Copa do Mundo, disputada no dia 21 de junho, no Estádio Azteca, na capital mexicana. Edson Arantes do Nascimento (Pelé) abriu o placar, mas o italiano Boninsegna empatou, ainda no primeiro tempo. No segundo tempo, Gérson de Oliveira Nunes (Gérson), Jair Ventura Filho (Jairzinho) e Carlos Alberto Torres marcaram os outros 3 gols do Brasil, fazendo com que a seleção brasileira vencesse a seleção italiana por 4x1, e ficando com a Jules Rimet de maneira definitiva.

**Figura 2** - Taça Jules Rimet.



**Fonte:** R7 Esportes, 2022.

No campeonato mundial de seleções de 1974, disputado na Alemanha Ocidental, foi apresentada a Taça FIFA (figura 3), que sucedeu a Taça Jules Rimet, e segue sendo entregue ao campeão do mundo na edição disputada. Diferente da anterior, a Taça FIFA não tem perspectiva de ser entregue definitivamente a nenhum país, independente de quantas copas do mundo forem vencidas de forma consecutiva ou alternada. Enquanto a Taça Jules Rimet tinha Nice, a deusa grega da vitória, estampada na parte principal, a Taça FIFA possui duas pessoas segurando o planeta Terra. Logo, vencer a Copa do Mundo representa a alegria da vitória e de estar no topo do mundo.

**Figura 3 - Taça FIFA.**



**Fonte:** R7 Esportes, 2022.

A primeira Copa do Mundo começou a ser organizada ainda no ano de 1928, com o surgimento da FIFA e sua intenção de popularizar e profissionalizar o futebol no mundo. Para a primeira edição, além do Uruguai como sede, foram convidadas várias outras seleções, porém apenas 13 marcaram presença. A ideia era fazer com que as Américas e a Europa se alternassem como sedes da competição, algo que foi quebrado em 1938 quando a copa foi sediada na França, sendo que em 1934 a sua sede foi a Itália.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o campeonato mundial foi suspenso, e a 4ª edição da Copa do Mundo só ocorreu em 1950, no Brasil. Entre as edições de 1954 e 1966, o torneio percorreu o ocidente e o norte europeu (Suíça e Suécia, respectivamente), a América do Sul (Chile) e retornou ao ocidente europeu (Inglaterra). Em 1974, a Copa foi sediada na Alemanha Ocidental. Em 1982, a Espanha recebeu o evento pela primeira vez, e em 1986 o México foi sede pela segunda vez, após a Colômbia desistir de organizar o torneio. Em 1990, a Itália recebeu a Copa pela segunda vez, e em 1994 foi a vez dos Estados Unidos da América sediar o evento. Em 1998, a França foi a anfitriã pela segunda vez, enquanto em 2002 a Copa foi realizada pela primeira vez na Ásia, nos países do Japão e da Coreia do Sul. Em 2006, a Alemanha unificada foi sede do torneio. Em 2010, foi a primeira vez do continente africano ser sede, com a Copa disputada na África do Sul, e em 2014 foi a segunda vez do Brasil ser sede. As edições de 2018 e 2022 marcaram as primeiras edições na

Rússia e no Catar, respectivamente. A partir de 2026, com o aumento do número de equipes participantes, cada Copa do Mundo será realizada em, no mínimo, três países diferentes.

A FIFA tem um papel importante na escolha da sede da Copa de 1978. O presidente da entidade à época, o brasileiro João Havelange, deixou que a Argentina seguisse como sede, mesmo com o golpe militar ocorrido dois anos antes do mundial, em 1976. Também, durante a Copa, manifestações e torturas foram realizadas, e ocorriam há poucos metros dos estádios da disputa. Em uma matéria publicada ao longo da Copa do Mundo de 2022, a BBC News escreveu acerca da ocorrência deste evento esportivo em países com governos autoritários. A matéria diz que a promoção do evento em territórios de governo autoritário é rentável para a FIFA, já que esses países investem mais dinheiro do que países democráticos (Mori, 2022). Isso ocorre porque os países democráticos têm maior transparência com relação ao dinheiro público gasto. Em contrapartida, países autoritários são altamente censurados e, dessa forma, seus dados financeiros não são divulgados. A matéria também coloca os mundiais com países autoritários como sede, sendo a Itália em 1934 (figura 4), a Argentina em 1978, a Rússia em 2018 e o Catar em 2022. Para a federação que rege o futebol no mundo, muito mais importante do que a não violação de direitos humanos é a somatória em dinheiro que a entidade vai ganhar com a disputa da Copa do Mundo.

Figura 4 - selo postal da Copa do Mundo de 1934.



Fonte: BBC News Brasil, 2022.

Em consonância com os fatos apresentados pela matéria, vemos na foto, o cartão postal da Itália de 1934, está a escrita “Campeonato Mundial de Futebol”. Na edição, o país venceu seu primeiro título mundial. Naquela época, o mundo estava às vésperas da Segunda Guerra Mundial que iniciaria em 1939. A Itália vivia em um governo fascista, comandado por Benito Mussolini. Desde a confirmação da primeira Copa do Mundo no Uruguai, o ditador

italiano começou a fortalecer suas relações para que o próximo mundial, de 1934, fosse na Europa e, mais precisamente, na Itália.

É interessante também, pensar que não é somente em países autoritários que o controle do dinheiro público empregado também é menos rigoroso. Em 2010, o mundo celebrou a Copa do Mundo na África do Sul, a primeira dentro do continente africano. Sem dúvidas, a energia e a importância do evento foram singulares, visto que uma das melhores músicas da história das Copas do Mundo foi lançada justamente nessa, sendo “Waka, Waka”, interpretada pela colombiana Shakira. Nessa mesma linha, de energia e importância, também se encontra a Copa do Mundo realizada no Brasil, em 2014. Foram construídos 12 estádios praticamente do zero para a disputa do mundial, o que fez com que a população fosse para protestos nas ruas do país. No cenário internacional, África do Sul e Brasil são dois países subdesenvolvidos, onde também não existe tanta transparência com relação ao controle do gasto público.

#### 1.4 A RIVALIDADE: BRASIL X ARGENTINA

“Ganhar é bom, ganhar da Argentina é muito melhor”. Assim afirmava o ex-narrador de jogos de futebol, Galvão Bueno, durante as transmissões de partidas entre Brasil e Argentina. Segundo maior país da América do Sul em extensão territorial, apenas atrás do Brasil, a Argentina também é a segunda maior potência histórica do futebol sul-americano, apenas atrás do Brasil. A tabela 1 indica a quantidade de participações em Copas do Mundo de Brasil e Argentina, dentre as 22 edições, nos anos de 1930 a 2025. Também, na mesma tabela há a quantidade de títulos de cada seleção e os anos das respectivas conquistas.

**Tabela 1** - número de participações e de títulos por seleção, em todas as Copas do Mundo realizadas.

País	Participações	Títulos
Brasil	22	5 (1958, 1962, 1970, 1994, 2002)
Argentina	18	3 (1978, 1986, 2022)

Fonte: elaborado pela autora<sup>11</sup>.

Através da tabela acima, é possível perceber que o Brasil participou de todas as Copas do Mundo em toda a história, obtendo 5 títulos. A Argentina, por sua vez, participou de 18

<sup>11</sup> Dados extraídos do site globoesporte.com

Copas do Mundo, só não estando presente nas edições de 1938, 1950, 1954 e 1970. Sendo assim, obteve 3 títulos. O Brasil venceu 21,7% das edições nas quais participou, enquanto a Argentina venceu 16,66% das edições. Juntos, os dois países têm 8 dos 10 títulos sul-americanos, correspondendo a 80% dos títulos vencidos nas Américas (os outros 2 títulos são do Uruguai, nos anos de 1930 e 1950). A contar pelo número total das Copas do Mundo, Brasil e Argentina foram responsáveis por 34,78% dos títulos. Isso sem falar nas finais em que cada país chegou: o Brasil possui 2 vices, em 1950 e 1998, enquanto a Argentina possui 3: em 1930, 1990 e 2014. Ou seja: nas 22 Copas do Mundo disputadas em toda a história, em 13 delas, Brasil ou Argentina esteve presente. No entanto, nunca chegaram a uma final no mesmo mundial e, por consequência, nunca decidiram o título do torneio de futebol masculino mais importante do mundo.

A tabela 2, por sua vez, mostra a quantidade de títulos brasileiros e argentinos, em Copas do Mundo, Copas América e Jogos Olímpicos de Verão, no recorte temporal de 1970 e 2025, sendo este o recorte identificado como relevante para a presente análise.

**Tabela 2** - Tabela comparativa de campeonatos vencidos por Brasil ou Argentina entre os anos de 1970 e 2025.<sup>12</sup>

	Copa do Mundo	Copa América	Jogos Olímpicos
Total de campeonatos disputados	14	19	14
Argentina	3	4	2
Brasil	3	6	2

**Fonte:** elaborado pela autora.

A tabela acima ilustra a preponderância positiva de vitórias dos países em competições do campo futebolístico sul-americano e mundial. Dentro do recorte temporal analisado, os dois países foram responsáveis por 42,85% dos títulos da Copa do Mundo realizadas; 52,63% dos títulos da Copa América; e 28,57% das medalhas de ouro dos Jogos Olímpicos de Verão. Assim, pode-se aferir a importância das duas seleções no cenário futebolístico. Nos últimos 74 anos, nenhum outro país da América do Sul foi campeão do Mundo ou medalhista de ouro do futebol masculino nos Jogos Olímpicos de Verão.

Como semelhanças entre Brasil e Argentina, existem várias, dentro e fora do futebol. A revista britânica *Four Four Two* elegeu, em outubro de 2022, os 100 melhores jogadores da história, tendo na lista 17 brasileiros e 8 argentinos, totalizando um quarto dos citados

<sup>12</sup> Dados extraídos do site globoesporte.com.

jogadores brasileiros e argentinos. Destaque para o 1º e 3º colocados argentinos (Lionel Andrés Messi e Diego Armando Maradona, respectivamente) e o 4º colocado brasileiro (Pelé). Isso destaca que os dois países sempre possuíram bons jogadores de futebol em diferentes gerações. Ainda no campo futebolístico, os dois são campeões do mundo, sendo o Brasil o único país pentacampeão do mundo (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) e Argentina a única tricampeã mundial (1978, 1986 e 2022). Duas destas conquistas aconteceram durante um período ditatorial, 1970 para o Brasil e 1978 para a Argentina.

Nos dois países, o futebol é visto como uma de suas principais identidades nacionais. O Brasil é conhecido por seu modo de jogo técnico, enquanto a Argentina é conhecida pelo foco na tática e na força física. A técnica consiste em um estilo de jogo com dribles. A tática se refere à marcação, que leva até a força física. Logo, o que diferencia o estilo de jogo brasileiro do estilo de jogo argentino é que o brasileiro é um futebol mais bonito, enquanto o argentino é mais forte. No entanto, por ser um país continental, o Brasil possui diversas culturas regionais, sendo o futebol praticado no eixo Rio-São Paulo diferente do praticado na região Sul do país. O jogo técnico do estilo brasileiro é concentrado mais na parte Sudeste do Brasil. A região Sul, por sua vez, tem seu estilo de jogo mais parecido com a Argentina, com foco na força física (Costa, 2008).

Além de denominados campeões do mundo, as duas conquistas representaram para Brasil e Argentina exemplos de progresso muito importantes. No caso do Brasil, por se sagrar o primeiro país tricampeão do mundo e para a Argentina para mostrar ao mundo sua capacidade de organizar o torneio em um momento de tensões sociais (Magalhães; Cordeiro, 2016). Todavia, a forma como os dois presidentes-ditadores se relacionavam com o futebol era diferente: o brasileiro Médici era um apaixonado por futebol, e frequentemente ia a jogos no estádio com um radinho de pilha colado no ouvido, sendo identificado, assim, como um homem do povo. Tal fato é evidenciado em diversas falas públicas do ditador, como essa após a vitória de 1970, em um trecho extraído de Magalhães e Cordeiro (2016):

Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro! (Médici, 1970, p. 10).

Na mesma fala, o presidente apresenta sua relação íntima com o futebol, assim como atribui um sentido social para o esporte, atrelando-o à qualidade intrínseca do homem

brasileiro, e relaciona diretamente a brasilidade com o amor e prática do esporte. Médici, ainda, apresentava suas visões sobre o papel que desempenhava na conjuntura política do país em momentos como:

Desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo (Médici, 1970, p. 9).

Já o argentino Videla não gostava do esporte, mas mesmo assim esteve presente no estádio em todos os jogos da Argentina na Copa do Mundo disputada em seu país. Demonstrando uma visão que, ao contrário do brasileiro, colocava o futebol em sua vida somente na condição de ferramenta política.

É certo que assisti a oito jogos do Campeonato Mundial e que isso não é algo habitual para mim, mas posso assegurar-vos que não o fiz por razões políticas, porque seria errado capitalizar o sucesso do que realmente pertence a todos (Videla, 1978, p. 9).<sup>13</sup>

No período da Copa vencida, junho de 1970 para o Brasil e junho de 1978 para a Argentina, os presidentes faziam discursos dizendo que aquela vitória era do povo e não somente dos jogadores. Essas atitudes dos governantes fizeram com que se tornassem homens comuns no entendimento da população (Magalhães; Cordeiro, 2016).

Além de semelhanças no futebol, o fato de serem países vizinhos faz com que também existam semelhanças políticas ocorridas ao longo dos séculos. Entre os séculos XV e XIX, os dois foram colônias ibéricas. No decorrer do século XIX, travaram duelos em lados separados, mas também como aliados, nas guerras Cisplatina (1825-1828) e do Paraguai (1864-1870) respectivamente. Já no século XX, a semelhança existe no campo político: os dois países passaram por períodos de ditadura civil-militar. No Brasil, durou 21 anos, compreendendo o período de 1964 a 1985, e na Argentina, foram 7 anos, de 1976 até 1983, sendo esta a última e mais dura para com os argentinos. Como destacado os dois países foram campeões da Copa do Mundo durante esses regimes, sendo o Brasil em 1970 na copa sediada no México, e a Argentina em 1978, na copa sediada em seu próprio país.

---

<sup>13</sup> Originalmente: es cierto que he asistido a ocho encuentros de fútbol durante el desarrollo del Mundial y que esto no es una cosa usual para mí, pero le puedo asegurar que no lo he hecho por motivos políticos porque sería erróneo capitalizar el éxito que realmente le pertenece a todos.

Tendo tantas coisas em comum dentro e fora de campo, Brasil e Argentina passaram pelas duras repressões de um governo ditatorial, cada um a seu modo e à sua maneira, mas as duas com o apoio dos Estados Unidos. Porém, enquanto a população sofria com as repressões impostas pelas ditaduras, as seleções eram campeãs da Copa do Mundo de Futebol masculino<sup>14</sup>. Em tempos ditatoriais, o campeonato se tornou símbolo das forças conjuntas (de todos os habitantes dos países) e das pátrias brasileira e argentina.

Com os títulos mundiais, os presidentes de Brasil e Argentina se utilizam de discursos frente à população para dizer como aquele era o objetivo dos habitantes do país inteiro, e não somente dos jogadores e comissão técnica. Os presidentes colocaram que aqueles títulos demonstrariam a força do nacionalismo do seu país, e com todos lutando pelo mesmo objetivo, o país avançaria. Longe das câmeras dos pronunciamentos, mas não tão longe desses locais de fala, muitos civis e políticos contrários ao regime eram torturados e humilhados por criticarem o governo. Uma simples manifestação contrária ou a não delação de alguma informação poderia custar a vida de uma pessoa. Ou ela poderia seguir viva, marcada pelas lembranças horríveis da tortura.

Ao longo das décadas de 1970 e 1980, tanto Brasil quanto Argentina vivenciaram regimes ditatoriais que buscaram legitimar-se por meio de diferentes estratégias simbólicas. Entre elas, destaca-se o uso político das conquistas das seleções nacionais nas Copas do Mundo de 1970 e 1978. Esses episódios revelam não apenas semelhanças e divergências entre os dois regimes, mas também evidenciam o envolvimento da FIFA com contextos autoritários e a forma como a imprensa esportiva colaborou para silenciar críticas políticas, priorizando a exaltação nacionalista em torno das vitórias.

## **1.5 AS DITADURAS**

Enquanto a ditadura militar brasileira entrava na sua última década, era aplicado na Argentina o último golpe militar. Enquanto o movimento das “Diretas Já” tomava força nas ruas do Brasil, a democracia era instaurada na Argentina. Sendo assim, as ditaduras de Brasil e Argentina ocorreram de forma concomitante, mesmo que por pouco tempo. Os dois regimes usaram o futebol para se firmar, bem como os dois também torturaram e mataram opositores.

Após o golpe militar ocorrido no ano de 1964, o Brasil passou 21 anos sendo governado por militares escolhidos pelo voto indireto. O segundo deles, o general Artur da

---

<sup>14</sup> A Copa do Mundo feminina teve sua primeira edição realizada somente em 1991.

Costa e Silva, sofreu um acidente vascular cerebral em agosto de 1969, que levaria à sua morte em dezembro do mesmo ano. Antes de adoecer, o então presidente sancionou 17 atos institucionais, sendo o mais opressor o AI-5 (Ato Institucional nº 5), que fechou o Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas dos estados brasileiros (Brasil, 1968). No lugar de Costa e Silva, foi escolhido o general Emílio Garrastazu Médici, um fanático por futebol (Vizeu, 2018). Enquanto a seleção brasileira vencida seus jogos, opositores ao governo eram torturados, e alguns eram mortos. É importante destacar, porém, que isso não aconteceu somente durante a Copa do Mundo, era algo corriqueiro desde que o AI-5 foi sancionado e até ser revogado, nas datas de 13 de dezembro de 1968 e 13 de outubro de 1978, respectivamente, já no governo do general Ernesto Geisel (Brasil, 1978).

Entre o início da década de 1950 e o fim da década de 1980, a Argentina passou por vários golpes de Estado e várias ditaduras militares em um curto espaço de tempo. A última delas, no entanto, se deu entre os anos de 1976 e 1983, quando Jorge Rafael Videla aplicou o golpe em María Estela Martínez de Perón, a Isabelita Perón. Isabelita era esposa e vice-presidente do presidente eleito Juan Perón, que faleceu e deu lugar à ela na presidência da República argentina. Quando o golpe militar é finalizado, em 24 de março de 1976, é implantado o chamado “Processo de Reorganização Nacional”, que dura até o final do período ditatorial. No dia 29 de março de 1976, Videla assume o poder. O regime ditatorial só tem seu fim em 1983, no dia 10 de dezembro, no chamado “Dia da Restauração da Democracia”.

### **1.5.1 O BRASIL**

1º de abril de 1964. Nesta data, o então presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, fala em tribuna: “o senhor Presidente da República deixou a sede do Governo. Deixou a nação acéfala. [...] Assim sendo, declaro vaga a Presidência da República” (Brasil, 1964). A partir dessas palavras, o golpe militar instaura-se, durando até o dia 15 de março de 1985, quando José Sarney é empossado presidente da República brasileira. Durante esses quase 21 anos, o Brasil seria governado por 5 presidentes militares, além de duas juntas governantes em tempos de organização (durante a escolha do primeiro e terceiro presidentes). Humberto de Alencar Castello Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo ainda hoje nomeiam ruas, bairros, cidades, escolas e estádios de futebol, como homenagem por terem sido presidentes e, muitas vezes, a história

da presidência de cada um é esquecida. Nesse sentido, enquanto essas pessoas recebem homenagens, pessoas torturadas, mortas ou desaparecidas são, sequer, lembradas.

Castello Branco foi o primeiro presidente escolhido por meio do voto indireto. No seu governo foi promulgada a Constituição de 1967, que estabeleceu a centralização do poder no Executivo, o voto para prefeito das cidades, governador dos estados e presidente da República de forma indireta e restringia o direito à greve (Brasil, 1967).

Em sequência, no governo de Costa e Silva foram instituídos os atos institucionais que, entre outras coisas, legalizaram a tortura (Brasil, 1968). Por conta de um ataque cardíaco instantâneo, precisou deixar a presidência apenas 2 anos depois de assumi-la e, até que fosse escolhido o próximo presidente, foi instalada uma junta militar.

Médici (figura 5) foi o terceiro presidente, e seu governo foi responsável pelo fortalecimento da AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas), departamento responsável pela propaganda governamental, do governo Costa e Silva até o governo Geisel. Durante seu governo, começou a acontecer também o milagre econômico, e ficaram famosas frases como “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Foi nesse período, também, que houve o aumento de guerrilhas rurais e urbanas, fazendo com que os cinco anos do governo Médici tenham sido responsáveis por uma parte significativa dos desaparecimentos e mortes ocorridas durante os 21 anos de regime.

**Figura 5** - general Emilio Garrastazu Médici, no quadro exposto no Congresso Nacional na linha do tempo dos presidentes da República.



**Fonte:** Biblioteca da Presidência, 2025.

Geisel foi o quarto presidente militar, e prometeu uma abertura “lenta, gradual e segura” para a democracia. Seu governo revogou o AI-5, em 13 de outubro de 1978. Também, foi durante seu governo que a crise econômica se agravou.

Figueiredo foi o quinto e último presidente do período ditatorial. Em seu governo, aconteceram as manifestações das “Diretas Já”, que reivindicavam eleições diretas para presidente da República, além de ser concedida a anistia a presos políticos (Brasil, 1979). Também, foi abolido o bipartidarismo, dando a oportunidade para que novos partidos políticos pudessem existir.

Foi se equilibrando em Atos Institucionais, repressão e propaganda que a ditadura militar e seus governantes do período foram se mantendo na presidência. Com a abertura para o bipartidarismo e a campanha das “Diretas Já!”, a permanência dos militares no poder se tornou insustentável e, em 15 de janeiro de 1985, Tancredo de Almeida Neves foi escolhido indiretamente para ocupar o cargo de presidente da República. A abertura política só foi acontecer mesmo em 15 de novembro de 1989, quando a população voltou às urnas para escolher seu presidente (a última vez havia sido em outubro de 1960, quando a população elegeu Jânio Quadros).

## 1.5.2 ARGENTINA

29 de março de 1976. Nesta data aconteceu a posse de Jorge Rafael Videla Redondo como presidente da República argentina. Na madrugada do dia 24 de março daquele ano, a então presidente Isabelita Perón foi detida e levada de helicóptero até a residência de El Messidor<sup>15</sup>. Após duas horas, perto das 3 horas da madrugada, foi emitido um comunicado para a população, que dizia que o país estava sob o controle das Forças Armadas, e que fossem obedecidas as ordens das autoridades. Durante o Processo de Reorganização Nacional, uma Junta Governativa tomou o poder, enquanto escolhiam Videla (figura 6) para assumir a presidência. Ele ficou até 1981, e após seus 5 anos, uma série de presidentes interinos ou que ficaram pouco tempo ocuparam o poder.

**Figura 6** - o presidente Videla (ao centro) toma posse como presidente da República Argentina.



Fonte: Memórias da Ditadura, 1976.

Em 29 de março de 1981, Roberto Eduardo Viola assumiu o cargo até 11 de dezembro de 1981. O militar Carlos Alberto Lacoste assumiu o país por 11 dias, para que a organização do regime pudesse eleger Leopoldo Fortunato Galtieri. Galtieri ficou como presidente entre os dias 22 de dezembro de 1981 até o dia 18 de junho de 1982. Novamente um interino assume por 14 dias, de nome Alfredo Oscar Saint-Jean. Reynaldo Bignone assumiu no dia 1º de julho de 1982 e perdeu seu mandato no dia 10 de dezembro de 1983, no processo que

---

<sup>15</sup> Residência oficial do governador da Província de Neuquén.

ficou conhecido como retorno à democracia, quando Raúl Alfonsín foi eleito pelo partido UCR (União Cívica Radical<sup>16</sup>), partido membro da Internacional Socialista<sup>17</sup>.

O ano de 2023 marcou o aniversário de 40 anos da redemocratização, e a jornalista Veronica Smerk, da BBC News Argentina,<sup>18</sup> produziu uma matéria contando que, mesmo após terem passado esses 40 anos, não se sabe ao certo quantas foram as vítimas do regime. Estimativas do CONADEP (Comissão Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas<sup>19</sup>) indicam que o número de desaparecidos durante o regime foi cerca de 9 mil. Contudo, para grupos defensores dos direitos humanos, como as Mães da Praça de Maio<sup>20</sup>, o número é maior: cerca de 30 mil pessoas seguem desaparecidas.

Capelato (2006, p. 66) escreve que Videla “anunciou os instrumentos legais do Processo de Reorganização Nacional, justificado em nome da moral cristã, tradição nacional e dignidade de ser argentino”. Isso, aliado ao apoio popular, aos meios de comunicação e à Igreja Católica, dá a entender de que a ditadura seria necessária para resgatar a moral da nação argentina.

Em 1978, a Argentina pôde sediar a Copa do Mundo pela primeira vez na história. Conseguiu ser o 5º país das Américas a realizar tal feito. Mesmo em meio a uma ditadura, o brasileiro presidente da FIFA, João Havelange, deu a oportunidade para o país organizar o mundial. *La Albiceleste*<sup>21</sup> ainda buscava seu primeiro título de campeã do mundo. E viria a ser, graças a goleadas improváveis, que serão abordados mais adiante.

A ditadura argentina causou mortes, torturas e tornou pessoas desaparecidas. Mesmo assim, o país é visto como um exemplo com relação à punição dos crimes feitos na ditadura, situação diferente da ditadura brasileira. A cidade de Buenos Aires ainda possui fortes lembranças dessa época:

Ao caminhar pelas ruas de Buenos Aires você pode se surpreender com algum azulejo em esquinas, calçadas e até prédios públicos que marcam onde ocorreram sequestros durante a ditadura cívico-militar. No coração da cidade, em frente à Casa Rosada, todas as quintas-feiras é possível se somar às Mães da Praça de Maio. Elas, há 45 anos marcham em ronda na Praça de Maio, em memória dos filhos desaparecidos e a espera de justiça (Scarmigliat, 2023).

---

<sup>16</sup> Originalmente: Unión Cívica Radical.

<sup>17</sup> Organização que busca a implementação do socialismo democrático, através da união de partidos social democratas, socialistas e trabalhistas.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm5p4zk0jm2o>>.

<sup>19</sup> Originalmente: Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas.

<sup>20</sup> Grupo de mulheres que saíam às ruas em busca de seus filhos detidos e desaparecidos.

<sup>21</sup> Alcinha entregue à seleção argentina. Significa “A Albiceleste”, pelo seu uniforme listrado das cores azul e branco.

Ainda assim, no aniversário do golpe, em 24 de março, as pessoas saem às ruas em marcha, buscando a verdade sobre as vítimas e à procura de justiça. Uma justiça importante e necessária, que respeite as famílias e principalmente as vítimas, seja encontrando o paradeiro delas ou punindo seus algozes.

Mais à frente serão exploradas essas relações de Brasil e Argentina de forma singular.

## **2. A COPA DO MUNDO DE 1970: O TRICAMPEONATO DA CANARINHO**

### **2.1 O PAÍS DO FUTEBOL**

Ao tratar de assuntos como o futebol e a ditadura militar, primeiro se faz necessário entender porque esses dois conceitos podem estar na mesma frase no mesmo contexto histórico. Em 1970, o Brasil vivia o auge do seu milagre econômico, com crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda. Para Guterman (2004, p. 268):

Este esporte [o futebol], por todos os seus significados, funciona como importante diluidor de diferenças sociais. Em oportunidades críticas, como a disputa de uma Copa do Mundo, então, tal característica é robustecida pelo caráter nacionalista e patriótico, muito útil a regimes como o militar.

Assim, durante a Copa do Mundo, o futebol desperta no torcedor um sentimento de patriotismo, uma vontade de que sua seleção seja campeã, para mostrar ao mundo que é naquele país que mora o melhor futebol do mundo, podendo resolver desigualdades econômicas e sociais, além da união das classes e a quebra da hierarquia cotidiana ao menos por um curto período de tempo (Guterman, 2004). Assim, em 1970, a “seleção brasileira presenteou a ditadura com uma taça”, como escreveu Breiller Pires, em matéria para o El País.

O Brasil é conhecido como o país do futebol, dados os campos de futebol espalhados aos quatro cantos do país, sendo estádios onde mais de 50 mil pessoas podem assistir a partidas oficiais, ou mesmo campos sem arquibancada, que servem somente para partidas amadoras. Porém, essa autodenominação é muito mais algo em que o brasileiro se autointitulou do que uma nomeação vinda do órgão máximo do futebol (a FIFA) ou por algum tipo de pesquisa produzida. Essa auto intitulação pode se dar pelos títulos conseguidos

ao longo dos anos e pelo fato de o Brasil sempre ter jogadores de renome mundial, em todas as fases do esporte.

Reis e Escher (2006), escrevem em seu livro “Futebol e Sociedade” acerca do significado social do futebol para os brasileiros. Os autores fazem uma linha do tempo (figura 7), acerca de como o interesse do brasileiro pelo futebol cresceu durante o século XX.

**Figura 7** - linha do tempo acerca do aumento do interesse do brasileiro pelo futebol.



**Fonte:** elaborado pela autora.

Pela linha do tempo, é possível perceber que o crescimento do interesse da população brasileira pelo futebol se deu juntamente com a modernização dos meios de comunicação. Conforme a imprensa escrita, o rádio e a TV foram se modernizando, o futebol foi se popularizando no Brasil. A partir da década de 1910, a população brasileira começou a se interessar pelo futebol, mas dependia da imprensa escrita para saber o que acontecia e, dessa forma, as informações chegavam até as pessoas muito depois de terem acontecido; durante a década de 1930, vai acontecendo a profissionalização desse esporte, o que também aumentou o número de espaços e tempo dedicados ao futebol em jornais e em programas de rádio; no final da década de 1950 e com o advento da televisão, começam as transmissões em preto e branco; no início da década de 1970, iniciam as transmissões nas televisões a cores (Reis; Escher, 2006). Pela primeira vez, em 1931, foram transmitidos os 90 minutos de uma partida de futebol diretamente do estádio. O responsável por isso foi o radialista Nicolau Tuma. Por sua vez, a Copa do Mundo de 1938, realizada na França, foi a primeira a ser transmitida pelas ondas sonoras do Brasil. Naquela edição, foram instalados alto falantes em praças públicas, de modo que todos os brasileiros pudessem ouvir ao vivo as transmissões. Nota-se, portanto, alguns marcos da propagação das telecomunicações em terras brasileiras e sua interconexão com o futebol. No decorrer do tempo, as transmissões foram melhorando. Dessa forma, matérias jornalísticas sobre futebol estiveram cada vez mais presentes nos jornais escritos.

Também, cada vez mais foram tendo programas de rádio e TV acerca desse esporte e as transmissões de partidas ao vivo foram tendo maior destaque na programação.

A capa da edição nº 3084 de 3 de janeiro de 1970 do Jornal Correio Braziliense trazia como manchete principal que a “TV unirá todo o Brasil ainda este ano”. A matéria também trouxe que o Ministro das Comunicações, Higinio Corsetti, tinha um “acordo firmado entre as principais empresas de rádio e televisão brasileiras para a transmissão de jogos da Copa do Mundo”. Naquele momento, segundo a matéria, só faltava o entendimento e o planejamento mexicanos para acertar a transmissão dos jogos com imagens (Correio Braziliense, 1970, p. 1). Na próxima página desta mesma edição do jornal, estava escrito que a “TV liga todas as capitais este ano”. A ideia era que os sinais de rádio pudessem ser transmitidos a todo o Brasil, e que o sinal de TV a cores pudesse alcançar todos os estados litorâneos, “do Rio Grande do Sul até Fortaleza, e mais Goiás, Minas Gerais e o Distrito Federal” (Correio Braziliense, 1970, p. 2). A matéria era complementada dizendo que o então ministro havia recebido um acordo firmado entre as principais emissoras de TV e rádio para a cobertura da Copa do Mundo no México, que iria ocorrer pouco menos de 5 meses após a publicação. O principal objetivo desta ação por parte de Corsetti e do governo era transmitir ao maior número de brasileiros possíveis a Copa do Mundo de 1970. Assim, a população brasileira assistia a seleção vencer seus jogos na Copa, Jairzinho fazer gols em todos os jogos e Carlos Alberto levantar a Jules Rimet que seria do Brasil para sempre, enquanto fora da mídia, o Ato Institucional nº 5 ainda estava em vigor.

## **2.2 A COPA DO MUNDO DE 1970**

Na final, o Brasil esmagou a Itália por 4 a 1. A imprensa inglesa comentou: “Deveria ser proibido um futebol tão belo”. O último gol deve ser lembrado de pé: a bola passou por todo o Brasil, foi tocada pelos onze, e finalmente Pelé a entregou de bandeja, sem olhar, para que Carlos Alberto, que vinha como um tufão, arrematasse (Galeano, p. 154).

México, 1970. Após vencer todas as partidas das eliminatórias sul-americanas, o Brasil se classificou à Copa do Mundo de 1970 (figura 8), disputada em terras mexicanas. Com a queda ainda na fase de grupos em 1966 em uma edição vista até hoje como uma das piores campanhas da história brasileira em mundiais, 4 anos depois o Brasil chegou com uma seleção forte para lutar pelo tricampeonato mundial. Aquela, que seria a 13ª edição do campeonato mundial de futebol, possuía algo ainda mais especial: nas 12 edições anteriores,

o campeão ganhava uma réplica da Taça Jules Rimet, mas a seleção que vencesse a copa por 3 vezes, ficaria com ela de forma definitiva; em 1970, haviam três candidatos a tal feito: Brasil, Itália e Uruguai.

**Figura 8** - logo oficial da Copa do Mundo de 1970.



**Fonte:** Memória Globo, 2021.

No dia 31 de maio de 1970, às 14h no horário de Brasília, México e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas deram início à 13ª edição da Copa do Mundo de Futebol Masculino, a 4ª nas terras das Américas. Ocorrida no Estádio Azteca, a partida terminou empatada em 0x0. Aquela Copa do Mundo seria histórica, afinal, pela primeira vez se teria uma bola exclusiva para o mundial (de nome Telstar), além de ser a primeira vez que uma equipe se sagrou tricampeã, além de ter sido a primeira Copa a ser transmitida na televisão à cores para o mundo.

Foi entregue o direito ao México de sediar a Copa do Mundo de 1970 durante os Jogos Olímpicos de Verão de 1964, em Tóquio. É importante destacar que o país mexicano já iria sediar as Olimpíadas de 1968. 5 estádios foram sede de jogos, sendo o Estádio Azteca (Cidade do México), o Estádio Jalisco (Guadalajara), o Estádio Luis Gutiérrez Dosal (Toluca), o Estádio León (León) e o Estádio Cuauhtémoc (Puebla), este último tendo sua construção finalizada em 1968. A partir da Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra, todas as outras edições de mundiais passaram a ter o seu mascote. Em 1970, o mascote era o Juanito (figura 9) menino pisando em uma bola e com um chapéu escrito “México 70” e com o uniforme do time de futebol do país.

**Figura 9** - Juanito, o mascote da Copa do Mundo de 1970.



**Fonte:** Batom e Futebol, 2014.

Nas semifinais, o Brasil venceu o Uruguai, por 3x1, com gols de Clodoaldo, Jairzinho e Rivelino pelo lado do Brasil, e Cubilla, pelo lado uruguaio. No outro lado da chave, a Itália enfrentou a Alemanha Ocidental em uma partida decidida na prorrogação. Após o empate por 1x1 no tempo normal, com gols de Boninsegna pela Itália e Schnellinger pela Alemanha Ocidental, a prorrogação terminou em 4x3, com gols de Burgnich, Riva e Rivera pela Itália, e dois gols de Müller pela Alemanha Ocidental. Dessa forma, Brasil e Itália se enfrentaram na final, enquanto Uruguai e Alemanha Ocidental duelaram pelo 3º lugar, em partida vencida pelo time europeu.

No dia 21 de junho de 1970, no estádio Azteca, Brasil e Itália decidiram mais do que o campeão de 1970, eles decidiram também com quem ficaria a Taça Jules Rimet para sempre. O jogo foi para o intervalo empatado em 1x1, com gols de Pelé pelo lado do Brasil e Boninsegna pelo lado italiano. No segundo tempo o Brasil construiu sua goleada, com gols de Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto Torres. Este último, lateral direito e capitão daquele time fez o que é considerado por muitos o gol mais bonito da história das Copas, já que a bola

passou pelos pés de todos os jogadores brasileiros, do campo de defesa até chegar nos pés do “Capita”<sup>22</sup>, que chutou de pé direito no gol do goleiro italiano, Albertosi.

Falando sobre futebol, aquela Copa foi bastante revolucionária para o futebol mundial: cartões amarelos e vermelhos poderiam ser distribuídos pelo juiz aos jogadores, 2 substituições podiam ser feitas por cada seleção (antes as substituições eram proibidas) e pela primeira vez na história um jogador marcou em todas as partidas de uma Copa do Mundo, da estreia à final (Jairzinho, pelo Brasil). A figura 10 mostra a comemoração após seu gol na final.

**Figura 10** - jogadores brasileiros comemoram o gol de Jairzinho, terceiro do Brasil naquela partida.



Fonte: Revista Placar, 1970.

Após a vitória, os jogadores foram recebidos como “deuses do futebol”, segundo o mencionado na contracapa da Revista Placar<sup>23</sup> na edição do dia 3 de julho<sup>24</sup>. Já em sua capa (figura 11), essa mesma edição tem como principal notícia “a volta, o Carnaval e a consagração das feras”. Naquele dia, era Carnaval fora de época em todo o Brasil, com a festa maior marcada para Brasília e com a presença do presidente do Brasil.

---

<sup>22</sup> Apelido do lateral-direito Carlos Alberto Torres.

<sup>23</sup> A Revista Placar existe desde março de 1970, e foi criada para cobrir o futebol do Brasil durante a Copa do Mundo que aconteceu em junho daquele ano. Existe até os dias atuais, de maneira digital e impressa, mas fazendo matérias sobre o futebol em todo o mundo.

<sup>24</sup> Arquivo pessoal.

Figura 11 - capa da edição nº 16 da Revista Placar, publicada no dia 3 de julho de 1970.



Fonte: Revista Placar, 1970.

O governo havia preparado uma recepção para os campeões, que foram recebidos como verdadeiros heróis no Palácio do Planalto pelo presidente da República para comemorar. A contra capa desta mesma edição da revista mostra bem qual era o sentimento:

A partir das 11 horas de terça-feira, dia 23, Brasília e o governo pararam. Ali, os tricampeões do mundo iriam pisar pela primeira vez o solo do Brasil. E Brasília preparou para eles a maior festa de seus dez anos de existência. Todas as ruas e avenidas, do aeroporto até o Palácio do Planalto, estavam cheias de torcedores, com bandeiras do Brasil, do Atlético Mineiro, do Cruzeiro e do Flamengo. O presidente Médici cumprimentou Zagallo, abraçou todos os jogadores e depois fez com que cada um deles subisse ao parlatório e erguesse a taça para o povo, que aplaudia sem parar. Depois, o presidente ofereceu um almoço à delegação (quase 4 horas da tarde); à sua mesa, sentaram-se João Havelange, presidente da CBD, o Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação, e Carlos Alberto, nosso capitão. Pelé almoçou na mesa ao lado, com a sra. Scyla Médici. Após o almoço, Zagallo e cada um dos jogadores receberam um cheque de Cr\$ 25.000,00 dado

pela Caixa Econômica Federal, por ordem do Presidente Médici.

A matéria acima foi publicada na chegada dos jogadores brasileiros ao seu país natal. Como está dito, a capital brasileira e o próprio presidente da República pararam para aguardar os jogadores. Médici cumprimentou o treinador (Mário Jorge Lobo Zagallo), os jogadores e os fez erguer a taça para a multidão de torcedores que foram os recepcionar no Palácio do Planalto. No almoço, quem sentou à mesa do presidente foi o capitão daquela equipe, um brigadeiro chefe da delegação e o então presidente da CBD e futuro presidente da FIFA: Carlos Alberto Torres, Jeronimo Bastos e João Havelange, respectivamente. Todos os jogadores foram recompensados por Cr\$ 25.000,00. Na oportunidade, o presidente também levantou a taça (figura 12). Enquanto isso, a população sorria e aplaudia, feliz pelo tricampeonato e por ver de tão perto os heróis daquela conquista.

**Figura 12** - o presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, empunha a taça Jules Rimet na chegada dos jogadores brasileiros ao Brasil com a descrição: “Médici, o presidente do melhor e mais bonito futebol do mundo”.



**Medici, o presidente do melhor e mais bonito futebol do mundo.**

Fonte: Revista Placar, 1970.

Após Brasília, os jogadores ainda visitaram as cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Nela, seguiam o mesmo padrão: saíam do avião, levantavam a taça à população e iam para a carreata, enquanto as pessoas comemoravam. Mas não foi este o

único presente recebido por aqueles jogadores e comissão técnica de um governante: Paulo Maluf, então prefeito da cidade de São Paulo, presenteou a todos com fuscas da cor verde musgo. Esses fuscas haviam sido comprados com dinheiro público.

**Figura 13** - Pelé à frente do fusca recebido de Maluf.



Fonte: UOL, 2024.

É importante perceber que o Brasil parou para receber os atletas. Com o presidente também indo receber, os trabalhos do Executivo da República também pararam e, naquele momento, era mais importante receber os jogadores e fazer toda a festa possível para eles. Obviamente, muitas pessoas não poderiam participar da festa, pois moravam longe das grandes capitais em que a Taça Jules Rimet passou. Por sua vez, essas pessoas viam na televisão ou ouviam pelo rádio todas as informações dessa chegada. Havia o entendimento de que, com as pessoas vendo e ouvindo essas e outras propagandas que falassem bem do governo, perceberiam que estariam vivendo em um país próspero, com anseio pela modernização e que iria para frente.

Ainda antes da Copa do Mundo, a seleção já era embalada por marchinhas. As músicas tinham uma toada ufanista, e suas letras remetiam ao orgulho e torcida pelo seu país. A música “Pra frente, Brasil” foi lançada no ano de 1970, e virou tema da seleção durante a Copa.

Noventa milhões em ação, pra frente, Brasil  
Do meu coração  
Todos juntos vamos, pra frente, Brasil  
Salve a Seleção!  
De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo  
o Brasil deu a mão  
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só  
coração!  
Todos Juntos, vamos  
Pra frente Brasil, Brasil

## Salve a seleção

Outras músicas ainda foram compostas para celebrar aquela vitória. Uma delas, de nome “Sou tricampeão”, trazem o sentimento dos musicistas pelo título mundial:

Eu hoje, igual a todo brasileiro, vou cantar o dia inteiro  
Entre faixas e bandeiras coloridas  
Parece até que eu estava em campo, buscando a paz nos  
quatro cantos  
Aquele gesto de erguer a taça ao povo  
Companheiros, vamos todos cantar a vitória  
Pela raça ficamos com a taça, de melhor, entre os mais  
(...) Agora, só tenho a Copa em minha mente  
Só vejo escrete em minha frente  
Torci, sofri, mas afinal ganhei do mundo

As bandas intérpretes das músicas são Os Incríveis e Golden Boys, respectivamente. Pelas letras das músicas, é possível perceber o sentimento da época. Na primeira, a união dos brasileiros em prol da torcida pela seleção parecia ser o mais importante da época para todos. Já na segunda, após o título, era preciso festejar e mostrar ao mundo o único país detentor da Jules Rimet. Também, essa banda busca a ideia da busca pela paz dentro do país. No contexto ditatorial vivido pelo país, buscar a paz é algo importante e significativo.

### **2.3 O COMANDO TÉCNICO DA SELEÇÃO BRASILEIRA**

A Copa do Mundo de 1970 começou muito antes, para o Brasil. O mundial de 1966 foi o primeiro grande evento esportivo do Brasil sob a ditadura militar. Então bicampeão mundial, a seleção brasileira era favorita nas casas de apostas da Inglaterra, local do mundial. No entanto, em três partidas, o Brasil perdeu 2 jogos, e foi eliminado na fase de grupos, em uma das piores campanhas brasileiras em Copas do Mundo. No ano de 1968, ocorreram os Jogos Olímpicos de Tóquio, onde a delegação brasileira conseguiu apenas 4 medalhas, sendo 1 de prata e 3 de bronze. Era pouco, para um país que queria mostrar a força da sua população.

No ciclo de 4 anos entre a Copa de 1966 e a de 1970, ainda era a CBD quem organizava a seleção brasileira de futebol. Entre os anos de 1958 e 1975, quem presidiu a entidade foi João Havelange, portanto, estando à frente da delegação brasileira por 5 Copas do Mundo. Mais do que nunca, a necessidade de vencer a Copa do Mundo de 1970 era imprescindível.

Também no ciclo de 4 anos entre as duas Copas, o Brasil passou por 4 treinadores. Vicente Feola, campeão em 1958, esteve à frente também durante a Copa de 1966, dando lugar a Aymoré Moreira, campeão em 1962. Moreira ficou à frente da seleção entre os meses de junho de 1967 e dezembro de 1968. Em abril de 1969, João Saldanha assumiu o comando técnico da seleção, dando lugar a Mário Zagallo em março do ano seguinte, pouco mais de 2 meses antes do mundial começar. A troca de Saldanha por Zagallo nunca foi bem explicada pela CBD, mas a opinião política do treinador pode ter influenciado.

Antes de explicar a polêmica demissão, é preciso falar sobre a campanha brasileira durante as eliminatórias. As eliminatórias sul-americanas para a Copa do Mundo de 1970 aconteceram entre os meses de julho e agosto de 1969. As 10 seleções (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Uruguai e Venezuela) estavam divididas em três grupos, sendo um grupo com 4 seleções e os demais com 3. Se classificariam à Copa os primeiros colocados de cada grupo, já que a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) tinha direito a 3 vagas. O Brasil se classificou em 1º lugar no grupo B, em grupo com Colômbia, Paraguai e Venezuela. No grupo A estavam as seleções da Argentina, Bolívia e Peru, enquanto no grupo C, as seleções de Chile, Equador e Uruguai. Assim, os times de Brasil, Peru e Uruguai se classificaram para participar da Copa do Mundo. Abaixo, segue a tabela 3, que mostra a campanha da seleção brasileira durante as eliminatórias.

**Tabela 3** - campanha brasileira nas eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 1970. Entre parênteses o local da partida.

Colômbia 0x2 Brasil (Bogotá)	Venezuela 0x5 Brasil (Caracas)
Paraguai 0x3 Brasil (Assunção)	Brasil 6x0 Colômbia (Rio de Janeiro)
Brasil 6x0 Venezuela (Rio de Janeiro)	Brasil 1x0 Paraguai (Rio de Janeiro)

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A seleção terminou esta fase com 6 vitórias em 6 jogos, totalizando 12 pontos, 23 gols marcados e nenhum gol sofrido. Para se ter uma ideia do tamanho desse feito, os outros classificados tiveram 5 e 7 pontos, sendo Peru e Uruguai, respectivamente. Uma ótima campanha, de um time muito bem treinado por João Alves Jobim Saldanha. Porém, não é o nome de Saldanha que aparece como técnico campeão da Copa do Mundo de 1970, mas sim o de Mário Jorge Lobo Zagallo.

Treinador campeão do Campeonato Carioca de 1957 com o Botafogo e treinador da seleção brasileira entre 7 de abril de 1969 e 22 de março de 1970, João Saldanha nasceu na

cidade de Alegrete, no estado do Rio Grande do Sul, no dia 3 de julho de 1917. Ele era filiado ao PCB, e sempre teve postura militante, inclusive contra a ditadura militar brasileira. Eternamente marcado como “João Sem-Medo”, por tamanha coragem, enfrentando a ditadura e, principalmente, o presidente Médici. Uma matéria do jornal El País, de 2017, conta que ele era um apaixonado por futebol. Se tornou jogador de futebol, depois jornalista e após, treinador, chegando à seleção brasileira, algo conseguido somente pelos melhores treinadores em suas respectivas épocas de trabalho.

João Saldanha era conhecido como alguém que “ao contrário da maioria dos boleiros de sua geração, não se enclausurava da bolha das quatro linhas” (Pires, 2017). Dessa forma, com a maioria rendida ao forte investimento do governo no futebol, ele se posicionava de forma contrária, sendo filiado ao partido opositor da ditadura e fazendo duras críticas. Anos depois, em uma entrevista ao programa Roda Viva, em 1985, Saldanha disse:

Considero Médici o maior assassino da história do Brasil. Ele nunca tinha visto o Dario jogar. Aquilo foi uma imposição só para forçar a barra. Recusei um convite para jantar com ele em Porto Alegre. Pô, o cara matou amigos meus. Tenho um nome a zelar. Não poderia compactuar com um ser desses (Pires, 2017).

Durante a Copa do Mundo de 1990, na Itália, Saldanha estava na cobertura jornalística junto com a TV Manchete, quando teve um enfisema pulmonar e veio a falecer. Até o fim de sua vida, seguiu contra a ditadura, e foi indicado à vice-prefeito da cidade do Rio de Janeiro pelo PCB nas eleições de 1985, mas o candidato a prefeito, Marcelo Cerqueira, ficou somente em 4º lugar.

Com a seleção classificada para a Copa, Médici decidiu demitir João Saldanha, o treinador da seleção, e colocar Mário Zagallo em seu lugar. Saldanha era visto como um comunista declarado, visto que estava filiado ao PCB. No entendimento militar, não seria de bom tom que um militante comunista fosse o treinador da seleção na Copa do Mundo, e muito menos que fosse consagrado como o técnico da conquista. Segundo o treinador, a principal razão para sua demissão foi a não convocação de um jogador por quem o presidente tinha muito apreço. Ainda em vida, o ex-treinador da seleção brasileira contava que, em uma discussão com o então presidente da República, onde era cobrado para convocar jogadores da escolha do presidente, Saldanha respondeu: “presidente, eu monto meu time e o senhor monta seu ministério”<sup>25</sup>. Esta conversa teria ocorrido após o treinador não atender à exigência de

---

<sup>25</sup> Não há fontes de que essa conversa realmente aconteceu, pois não havia câmeras ou gravadores nessa reunião. Apenas, João Saldanha confirmou em entrevista à Roda Viva que isso aconteceu.

Médici, de convocar Dario Maravilha, que jogava no Atlético-MG, à época. Posteriormente, sua demissão aconteceu. Em seu lugar, foi nomeado pela CBD para ser o treinador da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 1970, um ex-jogador campeão do mundo em 1958 e 1962 com a seleção brasileira e treinador do Botafogo: Zagallo. Por sua vez, o novo treinador convocou o jogador, que foi ao México, mas não entrou em campo durante os 7 jogos do mundial.

Zagallo recebeu o time praticamente pronto, fez a alteração que Médici queria e viajou para o México. Ainda assim, entrou para a história do futebol, sendo o primeiro homem a ganhar a Copa do Mundo como jogador e como técnico, em um curto período de tempo. Posteriormente, em 1994, ele viria a ser campeão como coordenador técnico do Brasil. Esse início de carreira como treinador só foi possível graças a uma demissão controversa, onde o presidente da República decidiu que não queria mais aquele treinador para a seleção brasileira.

## 2.4 O GOVERNO DO PRESIDENTE MÉDICI

Em pleno carnaval da vitória de 70, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmeras. A marcha composta para a seleção, *Pra frente Brasil*, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: *Ninguém segura o Brasil* (Galeano, p. 158).

Emílio Garrastazu Médici era natural de Bagé, no sudoeste do estado do Rio Grande do Sul. Nasceu no dia 4 de dezembro de 1905 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 9 de outubro de 1985, tendo vivido pouco tempo no Brasil no período da Nova República<sup>26</sup>. Em terras gaúchas, Médici era torcedor do Grêmio; em âmbitos nacionais, seu time era o Flamengo (Vizeu, 2018). Era conhecido por ser “do povo”, então, em dia de jogo e assim como milhares de outros torcedores, o presidente pegava seu radinho de pilhas e ia ao estádio assistir à partida, normalmente do Campeonato Nacional de Clubes<sup>27</sup>.

Médici foi eleito o presidente pelo voto indireto em outubro de 1969, após o mal súbito de Artur da Costa e Silva. Antes de entrar na ARENA (Aliança Renovadora Nacional), ele esteve na AIB (Ação Integralista Brasileira), respectivamente partido político e

---

<sup>26</sup> Período que se seguiu à ditadura militar, tendo como característica a ampla democratização.

<sup>27</sup> Campeonato que hoje é chamado de Campeonato Brasileiro de Futebol.

movimento de extrema-direita, conservadores e nacionalistas. Ele foi militar, chegou ao posto de General do Exército, e foi comandante do III Exército, com sede em Porto Alegre, saindo do posto para ser o 28º presidente da República do Brasil.

Durante a década de 1970, o governo militar muito fez pelo esporte e principalmente pelo futebol do país. Dado o sucesso do Brasil na Copa do Mundo de 1970, em 1971 foi criado o Campeonato Brasileiro (que quase foi chamado de Campeonato da Integração Nacional), que seria disputado anualmente. Graças a algumas regras, o campeonato teve uma escalada muito grande de participantes em um curto período de tempo: em 1975, 42 equipes participaram; em 1978, o número subiu para 74; e em 1979, 94 times disputaram do que era a principal competição nacional<sup>28</sup>. Esse número foi possível graças a uma normativa, que dizia que “qualquer cidade com mais de 100 mil habitantes e com estádio propício para jogos à noite, estava sujeita a ter seu time de futebol local”. Isso proporcionou revoltas e até mesmo boicotes de muitos times de futebol ao campeonato, como das equipes do Corinthians, São Paulo, Santos e Portuguesa, todas equipes do estado de São Paulo, em 1979.

Naquele ano, ocorreu o último campeonato organizado pela CBD. Por conta da disputa do torneio Rio-São Paulo<sup>29</sup>, as equipes paulistas deveriam entrar na competição na segunda fase. No entanto, essas equipes gostariam de ingressar na terceira fase, direito exclusivo dos dois finalistas do campeonato do ano anterior, o Palmeiras e o Guarani. Como o torneio Rio-São Paulo daquele ano foi cancelado, o quarteto paulista preferiu jogar o Campeonato Paulista (que tinha uma importância maior à época), precisando abrir mão da disputa do nacional. Dessa forma, o Internacional foi campeão, em um campeonato que ocorreu entre os dias 22 de setembro e 23 de dezembro. A equipe rio-grandense jogou 23 partidas em um período de 92 dias, algo impensável para o formato do campeonato atual<sup>30</sup>.

Tanto incentivo ao esporte demonstrou a necessidade desses governos de falar e mostrar futebol. Assim, não falariam de assuntos políticos. Logo depois da ditadura ser instaurada, em 1964, foi promulgada a Constituição de 1967, que fechava o Congresso Nacional e tornava indireta a eleição para presidente da República. Entre 1964 e 1969, foram instituídos 17 atos institucionais, que deram mais poderes ao Executivo nacional. O mais rigoroso deles foi o AI-5, que iniciou o período dos anos de chumbo. Através desse ato, que ficou vigente no período de 13 de dezembro de 1968 e 13 de outubro de 1979, a repressão e a

---

<sup>28</sup> A título de comparação, atualmente (2025), 60 times estão divididos entre as Séries A, B e C do Campeonato Brasileiro. 64 clubes disputam a Série D atualmente, mas desses alguns são clubes amadores, onde os jogadores têm outras profissões.

<sup>29</sup> Torneio de futebol entre as equipes dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> No Campeonato Brasileiro da Série A de 2024, cada equipe jogou 38 partidas, no período de 13 de abril a 8 de dezembro.

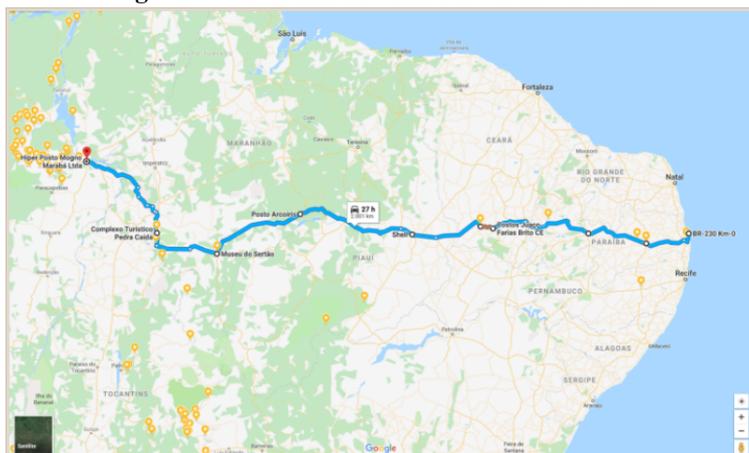
censura aumentaram, e até a tortura foi instalada. Pelo seu artigo 2º (Brasil, 1967), “o Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República”. Já pelo artigo 10º, “fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular”. Com isso, diversas pessoas foram presas, como o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Sua revogação se deu após a Emenda Constitucional nº 11, feita pelo presidente João Figueiredo. Além de perdoar presos políticos, essa lei também perdoou torturadores, que torturaram pessoas no período de 1964 a 1979.

Os atos institucionais foram emitidos pelo poder executivo, e algumas dessas normas tinham a mesma ou até mais autoridade do que a própria Constituição. Eles funcionaram como instrumentos para legitimar e legalizar as ações políticas dos militares. Através do AI-5, a censura foi instalada, colocando artistas como pessoas subversivas, perigosas ou imorais. Durante o período, muitas músicas, novelas ou livros foram vetados pelo Estado.

É nesse contexto que o general Médici chega à presidência: com o regime entrando na estabilidade. Ao sair da presidência, em 1974, entregou para seu sucessor, Ernesto Geisel, um regime estável e praticamente sem opositores. Afinal, governando com a ajuda dos atos institucionais com propagandas massivas, obras do governo, com um título mundial e com o apoio da população, o regime fazia o que bem entendia.

Em 30 de agosto de 1972, o governo inaugurou a Rodovia Transamazônica, com o objetivo de integrar a região norte com o restante do país e povoá-la. Com extensão de 4196 quilômetros e ligando as cidades de Cabedelo, na Paraíba, e Lábrea, no Amazonas (figura 14), a obra nunca chegou ao fim. O projeto da obra levaria a rodovia até a cidade de Benjamin Constant (Amazonas), totalizando 4977 quilômetros. No entanto, foi interrompida em Lábrea, e não voltou a ser construída.

**Figura 14** - extensão da Rodovia Transamazônica.



Fonte: El Bando, 2016.

A obra durou 4 anos, de 1970 até 1974. Como é uma rodovia transversal, boa parte de sua estrutura não é pavimentada. Dessa forma, durante os meses de outubro a março (período de fortes chuvas na região), a rodovia fica intransitável, com muita lama e difícil tráfego. Além disso, a obra também causou problemas ambientais, como desmatamento em diversas áreas de sua extensão.

Muitas obras esportivas também foram construídas, como vários ginásios de esportes e estádios de futebol em diversas cidades. De acordo com Malaia e Fortes (2021), 14 estádios com capacidade para mais de 40 mil pessoas foram construídos durante o período da ditadura militar. Destes, 6 foram inaugurados durante o governo Médici, nas localidades de Maceió, Manaus, Campo Grande, Fortaleza, Teresina e no Distrito Federal. Dos 14, 6 estavam situados no Nordeste, 3 no Norte, 4 no Centro Oeste e 1 no Sudeste. A maioria deles levava o nome dos seus respectivos governadores, como é o exemplo do Estádio Governador Alberto Tavares Silva, o Albertão (figura 15). Inaugurado no ano de 1973, está situado na cidade de Teresina, no Piauí. Na época de sua construção, o estádio tinha capacidade para 60 mil pessoas. A cidade de Teresina tinha 220 mil habitantes.

**Figura 15** - Estádio Governador Alberto Tavares Silva, o Albertão, no ano de 2023, no aniversário de 50 anos.



**Fonte:** TV Cidade Verde.com, 2023.

Atualmente, o estádio abriga jogos do River Atlético Clube, time que disputou a Série D do Campeonato Brasileiro e o Campeonato Piauiense em 2024. Em termos de títulos, é a maior equipe do estado do Piauí, mas no ranking feito pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) em 2022, a equipe aparecia como a 107<sup>a</sup> colocada.

Ademais, o relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), concluída em 2014, se trata de um documento de 3 volumes, que disserta acerca das graves violações aos direitos humanos ocorridas no Brasil no período de 1946 a 1988. Seu volume três possui 1996 páginas, que destacam sobre os mortos e desaparecidos políticos no período ditatorial. Segundo o documento, 434 pessoas foram mortas ou permanecem desaparecidas até os dias atuais. Muitas dessas se deram pelas torturas ocorridas no período da ditadura, principalmente durante os anos de chumbo do governo Médici. O jornal O Estado de Minas noticiou em junho de 2012, um pouco da tortura sofrida na década de 1970 pela então estudante e futura presidente da República, Dilma Vana Rousseff:

A presidente Dilma Vana Rousseff foi torturada nos porões da ditadura em Juiz de Fora, Zona da Mata mineira, e não apenas em São Paulo e no Rio de Janeiro, como se pensava até agora. Em Minas, ela foi colocada no pau de arara, apanhou de palmatória, levou choques e socos que causaram problemas graves na sua arcada dentária. [...] Com a palavra, a presidente: “Algumas características da tortura. No início, não tinha rotina. Não se distinguia se era dia ou noite. Geralmente, o básico era o choque”. Ela continua: “(...) se o interrogatório é de longa duração, com interrogador experiente, ele te bota no pau de arara alguns momentos e depois leva para o choque, uma dor que não deixa rastro, só te mina. Muitas vezes usava

palmatória; usaram em mim muita palmatória. Em São Paulo, usaram pouco este ‘método’ (Kiefer, 2012).

Dilma, assim como muitos outros brasileiros, sofreu com a tortura instalada pela ditadura militar. Mas, como poucos, sobreviveu. Ainda, pôde se tornar a primeira mulher a ser presidente da República brasileira, e instalar durante seu mandato presidencial a Comissão Nacional da Verdade.

A resistência ao regime por parte de artistas também foi grande. No entanto, apesar da censura instalada com o AI-5, algumas letras de músicas ainda passaram, como o caso de “apesar de você”, de Chico Buarque. A música foi escrita e gravada em 1970, mas por conta das restrições impostas, só pôde ir à público em 1978, já ao final do governo Geisel.

Hoje você é quem manda, falou, tá falado  
Não tem discussão, não  
A minha gente hoje anda, falando de lado  
E olhando pro chão, viu (...)  
Apesar de você, amanhã há de ser outro dia  
Eu pergunto a você onde vai se esconder, da enorme  
euforia  
Como vai proibir, quando o galo insistir, em cantar  
Água nova brotando, e a gente se amando sem parar

Em uma música que pode parecer ser sobre um relacionamento complicado, Buarque faz uma crítica ao regime que assolava o Brasil no período. Nas entrelinhas, é possível perceber que o cantor traz à tona a opressão vivida pela sociedade brasileira. Com a música, ele denuncia a violência e a injustiça cometidas pelo regime. Contudo, ao final, traz um vislumbre de esperança, quando diz que “apesar de você amanhã há de ser outro dia” (“você” quer dizer os responsáveis pela ditadura), dizendo que apesar dos ditadores, em algum momento, a democracia irá voltar.

No final do governo Médici, a ditadura já estava consolidada. O governo que era para durar 1 ano já entrava no seu 10º aniversário. Emílio Médici foi o primeiro militar a concluir os cinco anos de mandato, entregando a presidência para Ernesto Geisel em 15 de março de 1974, praticamente sem oposição e com uma economia aparentemente estável.

No dia 9 de outubro de 1985, aos 79 anos, Médici sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC), que causou insuficiência renal aguda e respiratória no ex-presidente, e o matou. Muitas escolas, bairros e cidades possuem seu nome, como forma de homenagem. No entanto, pela Lei nº 6.683/1979, a Lei de Anistia, assinada pelo presidente João Figueiredo, Médici nunca foi julgado, e nunca pagou pelos seus crimes.

### **3. A COPA DO MUNDO DE 1978: O TÍTULO DA SELEÇÃO DA CASA**

#### **3.1 A ESCOLHA DA SEDE**

“Finalmente o mundo pôde ver a verdadeira imagem da Argentina”, celebrou o presidente da FIFA perante as câmeras da televisão. Henry Kissinger, convidado especial, anunciou: “este país tem um grande futuro em todos os níveis”, e o capitão da equipe alemã, Berti Vogts, que deu o chute inicial, declarou dias depois: “a Argentina é um país onde reina a ordem. Não vi nenhum preso político” (Galeano, p. 175).

País vizinho ao Brasil, a Argentina havia tido poucas grandes campanhas em Copas do Mundo, sendo seu maior feito o vice-campeonato ainda em 1930. Depois desta campanha logo na primeira Copa do Mundo da história, o país não teve mais resultados interessantes, no período de tempo entre a Copa do Mundo de 1930 e de 1974, no que diz respeito aos campeonatos mundiais. Além do primeiro título mundial, a Argentina buscava, desde a Copa de 1942 ser sede de uma Copa do Mundo, que nunca aconteceu, em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Mesmo sem ter participações com brilho na competição de futebol masculino mais popular do mundo, a equipe argentina já era consolidada como uma potência desse esporte no cenário sul-americano, até então detentora de 12 títulos de Copa América, uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Verão e 4 medalhas de ouro em Jogos Pan-Americanos. Com isso, em 1978, lhe foi concedido o direito de sediar a Copa do Mundo.

Sendo o único brasileiro a presidir a FIFA, Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, ou simplesmente João Havelange, esteve no cargo mais importante do futebol mundial entre os anos de 1974 e 1998. Ele esteve à frente da CDB durante boa parte do governo militar brasileiro, entre os anos de 1958 e 1973. No ano seguinte, foi eleito o presidente da principal entidade de futebol do mundo, a FIFA, permanecendo até 1998, sendo o segundo presidente mais longo, e organizando seis Copas do Mundo. Galeano (2002) escreve que Havelange mudou a geografia do futebol e tornou o esporte um negócio. Ainda na década de 1970, Havelange passou a utilizar as marcas (como a Coca-Cola e a Adidas) para promover o torneio. Além disso, também deixou com que o país sede pudesse fazer investimentos privados em infraestrutura para receber os jogos e, conseqüentemente, torcedores. Durante seu mandato, pôde organizar 6 eventos da Copa do Mundo, sendo o primeiro em 1978, com a participação de 16 seleções. Já sua última Copa, em 1998, contou com 32 seleções. Ou seja,

ao longo de sua presidência, dobrou a quantidade de participantes no campeonato mundial de futebol masculino. Assim, com o aumento geral do número de vagas, cada continente também teve mais representantes, como pode ser percebido na tabela 4.

**Tabela 4** - evolução da quantidade de vagas para a Copa por continente durante a presidência de Havelange na FIFA.

Continente	Vagas para a Copa de 1978	Vagas para a Copa de 1998
África	1	5
América Central e do Norte e Caribe	1	3
América do Sul	3	4
Ásia	1	5
Europa	10	14
Oceania	0	1

**Fonte:** elaborado pela autora.

Através da tabela, é possível perceber que nem todos os continentes tiveram um aumento tão significativo no quadro de vagas, por outro lado alguns chegaram a quintuplicar. Em contrapartida, enquanto alguns continentes puderam entrar no mapa do futebol mundial, como a África e a Oceania, outros só se firmaram ainda mais, como é o caso da Europa. O continente europeu já era detentor da maior quantidade de vagas em disputas de mundiais, mas esse número só aumentou ao longo do tempo. Além de definir o aumento do número de vagas para seleções em Copas do Mundo, Havelange também poderia dar a última palavra sobre qual país iria sediar o campeonato. Em seu primeiro mundial organizado, sua última palavra se deu em favor da Argentina.

No seu 35º Congresso em Londres, em 6 de julho de 1966, a FIFA escolheu a Argentina como sede da Copa do Mundo de 1978. Após a Copa de 1974, disputada na Alemanha Ocidental, foi confirmada a escolha do país de bandeira alvi celeste para o mundial de 1978 (Magalhães, 2019). Não obstante, a partir do ano de 1973, quando a Argentina ainda estava sob o governo peronista, o país já começou a se organizar para ser sede do evento. Pouco tempo depois, o país entraria em uma crise política, econômica e social, já que no dia 1º de junho de 1974, o então presidente argentino, Juan Perón, faleceu. A vice-presidente era sua esposa, Isabelita Perón, que assumiu o poder. Mesmo com a crise instalada com a morte

do seu presidente eleito, o objetivo argentino foi mantido: organizar a 11ª edição do evento futebolístico masculino mais importante do mundo.

Para a realização da Copa, foram planejadas construções e reformas de vários estádios, como será posteriormente abordado. Magalhães (2019, p. 619) escreve que os líderes civis e militares do país eram de acordo quanto às medidas para a serem tomadas: “destruir as bases da desordem”, ‘liquidar a ‘Argentina maldita’ e colocar em prática um projeto de reestruturação e reconstrução da sociedade e da própria nação”. Era entendido pelos militares governantes que havia a necessidade de uma reorganização nacional (que poderia ser uma refundação da Argentina), pautado no desaparecimento de opositores, que esteve em curso durante a realização do mundial (Magalhães, 2019). Os objetivos do Processo de Reorganização Nacional eram combater a corrupção, a demagogia e introduzir a Argentina no mundo ocidental e cristão (Argentina, 1980, p. 7). Porém, o que ocorreu na Argentina durante esse período, foi sua desindustrialização, seu endividamento externo, sua autolegitimação política e a centralização do poder nas mãos militares.

O então novo regime de governo via o evento como uma oportunidade de mostrar ao mundo a “nova Argentina”, e foram investidos milhões de dólares em obras de infraestrutura, reformando e construindo estádios e em infraestrutura para receber os torcedores. Também para Havelange, que estava realizando sua primeira Copa do Mundo, a realização daquele mundial era importante. Neste sentido, tanto o presidente brasileiro da maior entidade esportiva do mundo do futebol, quanto os militares argentinos, queriam entregar ao mundo uma bela Copa, que fosse, principalmente, bem organizada.

Durante o ano de 1978, foram organizados comitês que permeavam discussões de um boicote ao evento. Isso se dava pela razão de que vários grupos e partidos de orientação de esquerda da Europa acusavam o país argentino de violações aos direitos humanos. Os militares argentinos, por sua vez, diziam que aquilo nada mais era do que “uma campanha externa contra o país, resultado de um desconhecimento da realidade nacional por parte dos acusadores e de uma ação da subversão externa” (Magalhães, 2019, p. 679). Isto é, para os militares, essas denúncias eram uma campanha para que a Argentina não pudesse ser a sede da Copa em 1978. Todavia, as forças para que o mundial ocorresse em algum país da Europa não foram suficientes para que a alteração realmente acontecesse, e o mundial na Argentina de fato aconteceu.

Dessa forma, para a Argentina, apenas ganhar não era importante, era necessário também entregar “uma das melhores Copas”, como a frase dita por Videla a Havelange. Em entrevista pouco tempo antes da realização dos Jogos Olímpicos de Verão do Rio de Janeiro,

em 2016, Havelange revelou uma fala dita pelo então presidente argentino: “senhor Havelange, não vou lhe dar a melhor Copa, mas vou lhe dar uma das melhores, pode estar certo” (Passos, 2013). Assim, a promessa feita pelo presidente se deu dois anos após o país passar pelo último de seus golpes militares. Em 1978 e com o auge da ditadura em vigor, a Argentina estava praticamente sem opositores ao governo, mas com protestos realizados, até mesmo, por jogadores da seleção argentina.

Como estava em um momento de forte crise econômica, não era economicamente viável que a Argentina sediasse aquele mundial. Entretanto, Magalhães (2019, p. 680) escreve que “como país sede, os militares puderam utilizar a própria organização do evento como propaganda a seu favor, respondendo a acusações e questionamentos vindos do exterior”. Para a realização do mundial, o governo argentino criou o Ente Autárquico Mundial 78 (EAM 78). Esta entidade foi responsável pela organização e gerenciamento de todo o evento de futebol realizado na Argentina. Sua criação mostrava como o governo dava importância para a competição como forma de propaganda política, na tentativa de distorcer a realidade do país. O EAM 78 indicou a construção de 3 estádios e reforma de outros 3, a criação de um centro de imprensa, investimentos em tecnologia para a transmissão em cores e logísticas para transporte e hospedagem dos turistas. Segundo Magalhães (2014), a comunicação da época indicou um gasto de 700 milhões de dólares.

Como será visto adiante, mesmo com o gasto alto em propagandas e infraestrutura, a realização da Copa do Mundo de 1978 na Argentina era importante para o governo da época, pois era importante mostrar ao mundo a “nova Argentina”, militar, disciplinada e um modelo a ser seguido.

### **3.2 A COPA DO MUNDO DE 1978**

A final entre a Argentina e a Holanda se definiu na prorrogação. Os argentinos ganharam por 3 a 1, e em certa medida a vitória foi possível graças ao patriotismo da trave que salvou o arco argentino no último minuto do tempo regulamentar. Essa trave, nunca foi objeto de honras militares, por essas coisas de ingratidão humana. De todo modo, mais decisivos que a trave foram os gols de Mario Kempes, um potro incontido que brilhou galopando, cabeleira ao vento, sobre a grama nevada de papezinhos (Galeano, p. 176).

Argentina, 1978. Após ser escolhida como sede, a Argentina estava automaticamente classificada para a 11ª edição do campeonato mundial de seleções de futebol masculino, a

Copa do Mundo de 1978 (figura 16)<sup>31</sup>. Seria a 7ª participação na história da seleção alvi celeste. O país tentava garantir seu primeiro título mundial, sendo que o mais próximo já conseguido havia sido em 1930, quando perdeu a final para o Uruguai.

**Figura 16** - logo oficial da Copa do Mundo de 1978.



**Fonte:** Memória Globo, 2021.

Para tanto, foram escolhidos 6 estádios em 4 cidades diferentes para receber os jogos: o Estádio Monumental e o Estádio José Amalfitani (cidade de Buenos Aires), o Mar del Plata (província de Buenos Aires), o Estádio Córdoba (Córdoba), o Estádio Gigante de Arroyito (Rosário) e o Estádio Ciudad de Mendoza (Mendoza). Desses, os estádios Mar del Plata, Córdoba e Ciudad de Mendoza foram construídos especificamente para a disputa do mundial, enquanto os demais foram reformados. Como nas três Copas anteriores, também foi escolhido um mascote, o Gauchito (figura 17). Esse mascote possuía o uniforme da seleção argentina, além de adornos típicos do país.

---

<sup>31</sup> Na Copa do Mundo de 1978, as fases foram, em ordem: primeira fase, segunda fase e final.

**Figura 17** - Gauchito, o mascote da Copa do Mundo de 1978.



Fonte: ge.globo.com, 2014.

Além de ser o último mundial com apenas 16 seleções presentes, essa Copa teve um formato diferente. Na primeira fase, as 16 seleções estavam divididas em 4 grupos com 4 seleções cada um, e se enfrentaram. As duas melhores seleções de cada grupo se classificaram para a segunda fase. Na segunda fase, as 8 seleções restantes estariam divididas em 2 grupos com 4 seleções cada, e também jogaram uma seleção contra a outra. Os primeiros colocados de cada grupo se encontraram na final, enquanto os segundos colocados competiram na decisão do terceiro lugar do torneio.

A campanha da Argentina na primeira fase não foi perfeita: foram vencidas as seleções da França e da Hungria, mas o jogo contra a Itália foi perdido. Dessa forma, ficou em 2º lugar no seu grupo. Na segunda fase, em um grupo com Brasil, Peru e Polônia, a Argentina venceu as equipes de Peru e Polônia e empatou com o Brasil. Pelo critério do saldo de gols, ficou em primeiro lugar em seu grupo, e avançou à final. O Brasil, por sua vez, disputou e venceu o terceiro lugar, contra a Itália.

Se em 1970, Brasil e Itália disputaram quem ficaria com a Jules Rimet para sempre, em 1978, Argentina e Holanda disputam quem venceria a Copa pela primeira vez. As duas seleções estavam em sua segunda final disputada, a Argentina não chegava desde 1930, enquanto a Holanda havia perdido para a Alemanha Ocidental em 1974. No dia 25 de junho de 1978, no Estádio Monumental de Nuñes, a Argentina saiu na frente com Kempes, mas sofreu o empate no final da partida, com gol de Nanninga. O placar igual ao final dos 90 minutos levou a partida para a prorrogação. No tempo regulamentar, novamente Kempes e depois Bertoni fizeram os dois gols que garantiram uma vitória por 3x1 e o primeiro título

mundial da Argentina, em sua casa, aos olhos dos seus torcedores e de seu presidente ditador. A figura 18 mostra o momento em que os jogadores argentinos festejam a taça e a conquista do campeonato mundial

**Figura 18** - jogadores da Argentina levantam a taça de campeão mundial.



Fonte: UOL, 2010.

Ao final da partida, Videla foi até o campo, cumprimentou os jogadores e entregou a taça para o capitão daquela equipe, o então zagueiro, Daniel Passarella (figura 19). Segundo Galeano (2002), os jogadores holandeses se recusaram a cumprimentar o presidente argentino, e foram direto para o vestiário após o apito final. De acordo com o jornalista espanhol Kiko Benítez, “[os jogadores] não apertaram a mão dos líderes da ditadura argentina<sup>32</sup>” (2018), apontando que a seleção holandesa estava ciente e posicionando-se criticamente em relação aos horrores do regime. Este fato foi apurado pela visita do jogador Wim Rijsbergen em uma manifestação das Mães da Praça de Maio. Após 42 anos do acontecimento, o jogador lembrou o fato e o sentimento de estar lá: “vimos as mães com fotos de seus filhos desaparecidos e suas famílias. Foi muito emocionante<sup>33</sup>” (Cezer, 2020).

---

<sup>32</sup> Originalmente: no darían la mano a los jefes de la dictadura argentina.

<sup>33</sup> Originalmente: vimos a las madres con fotos de todos sus hijos desaparecidos y sus familias. Fue muy conmocionante.

**Figura 19** - o presidente Videla entrega a taça da Copa do Mundo para Daniel Passarella, capitão da equipe argentina.



Fonte: Ludopédio, 2022.

Para Galeano (2002 p. 176), “a chegada argentina na final desperta muitas dúvidas aos mal pensantes e aos bem pensantes”. De toda forma, os fatos que se sucederam após a classificação argentina para a segunda fase da Copa do Mundo trazem a sensação de que todas as dúvidas e as polêmicas têm uma razão.

### **3.2.1 A GOLEADA SOBRE O PERU: A POLÊMICA DENTRO DO CAMPO**

Para chegar à final contra a Holanda, deviam afogar o Peru numa chuva de gols. A Argentina obteve com vantagens o resultado de que necessitava, mas a goleada, 6 a 0, encheu de dúvidas os mal pensantes, e os bem pensantes também. Os peruanos foram apedrejados ao voltar a Lima. (Galeano, p. 176).

Apesar de interessante, como mencionado acima, a campanha da Argentina na primeira fase da Copa do Mundo não mostrou grande desempenho. A seleção argentina venceu as seleções da Hungria e França, é verdade. Mas no jogo que definiria o primeiro colocado do grupo 1, perdeu para a Itália. Com o resultado, se classificou em 2º lugar para a próxima fase. Nela, acabou ficando no grupo B, onde enfrentou a Polônia, o Brasil e, por último, o Peru. O jogo entre Argentina e Peru foi o mais polêmico daquela Copa do Mundo, e um dos mais polêmicos na história dos mundiais.

Na primeira rodada da segunda fase, a Argentina venceu a Polônia e o Brasil venceu o Peru. Já na segunda rodada, argentinos e brasileiros empataram por 0x0, enquanto os poloneses venceram os peruanos por 1x0. Para se classificar à final, o Brasil precisava vencer a Polônia na terceira rodada e torcer para que a Argentina não vencesse o Peru. Por sua vez, a Argentina precisava vencer o Peru e torcer para o Brasil não vencer a Polônia. O Peru não

tinha chances de classificação, enquanto a Polônia necessitava vencer o Brasil e torcer para o Peru vencer a Argentina. Com este cenário e tendo em vista a qualidade de cada equipe, a classificação polonesa ou peruana era praticamente impossível, enquanto a classificação brasileira à final era a mais provável e a Argentina tinha possibilidade, mas precisava fazer muitos gols e não sofrer nenhum.

Na terceira rodada, as partidas eram decisivas, assim, definiram os classificados à final e quem iria disputar o terceiro lugar do mundial. No mesmo horário, no dia 21 de junho, às 13h45 do horário de Brasília, Áustria e Alemanha Ocidental entraram em campo na cidade de Córdoba, enquanto Holanda e Itália jogaram na cidade de Buenos Aires, isso pelo grupo A<sup>34</sup>. No grupo B, as partidas estavam marcadas para acontecer às 16h45, com Brasil e Polônia jogando em Mendoza, e Argentina e Peru, na cidade de Rosário. Porém, o horário do jogo entre argentinos e peruanos foi alterado para às 19h15, de modo que, ao entrar em campo, a Argentina sabia exatamente o placar que precisava para avançar à final e colocar o Brasil na disputa pela medalha de bronze.

É aí que a polêmica começa. A partida entre Brasil e Polônia acabou 3x1 para o Brasil. Com esse resultado, a Argentina precisava vencer por 4 ou mais gols de diferença para avançar à final. No entanto, acabou vencendo por 6x0, avançou à final e mandou o Brasil para a decisão do terceiro lugar. Na edição de nº 427 da Revista Placar, publicada em 30 de junho de 1978, Sérgio Carvalho escreveu o seguinte:

Ninguém podia fazer nada. De nervosos e inseguros no início os argentinos estavam absolutamente calmos e conscientes já na metade do jogo. O Peru ajudando. E como ajudou. Quesada queria tirar de calcanhar as bolas que caíam na área. Velasquez queria driblar todo o ataque argentino dentro da própria área. Enfim, os peruanos simulam um esforço que até parecia coisa de cinema (Revista Placar, 1978).

O Peru vinha de boa campanha na primeira fase. Após vencer a Escócia e o Irã e empatar com a Holanda, conseguiu passar para a segunda fase em primeiro lugar do seu grupo. Apesar disso, a segunda fase foi terrível: 3 derrotas em 3 partidas, nenhum gol feito e 10 gols sofridos, sendo partida derradeira um 6x0 inesquecível contra a seleção da casa.

---

<sup>34</sup> As seleções presentes no grupo A estavam presentes as seguintes seleções (entre parênteses sua classificação na primeira fase): Itália (1ª colocada do grupo 1), Alemanha Ocidental (2ª colocada do grupo 2), Áustria (1ª colocada do grupo 3) e Holanda (2ª colocada do grupo 4). Já no grupo B, as seleções presentes eram (entre parênteses sua colocação na primeira fase): Argentina (2ª colocada do grupo 1), Polônia (1ª colocada do grupo 2), Brasil (2º colocado do grupo 3) e Peru (1º colocado do grupo 4).

**Figura 20** - Kempes comemora gol contra o Peru, em jogo polêmico.



Fonte: ge.globo.com, 2014.

Goleadas como 6x0 na competição que reúne as melhores seleções do planeta, não são comuns. A pegar como exemplo as goleadas sofridas pelas seleções uma fase antes da grande final (semifinal) pelas últimas 5 edições deste evento, só é possível encontrar uma goleada: a sofrida pelo Brasil pela Alemanha em 2014, o 7x1. As demais partidas foram decididas por menos gols de diferença, na prorrogação ou mesmo nos pênaltis.

Na Copa de 1978, durante a primeira fase, a Argentina venceu seus jogos 2x1, e a partida que perdeu, também foi por um gol de diferença. Foi somente na segunda fase que venceu por dois gols de diferença, e após o empate por 0x0 com o Brasil, venceu o Peru por 6x0. Outras goleadas ocorreram naquela Copa, como a de 6x0 da Alemanha Ocidental sobre o México, e do Peru, de 4x1 sobre o Irã, essas duas tendo ocorrido ainda na primeira fase. Na segunda fase, apenas duas: além de Argentina e Peru, um 5x1 da Holanda sobre a Áustria. Assim, é mais comum que as partidas terminem com um ou dois gols de diferença em uma Copa do Mundo, podendo ocorrer exceções, sendo essas mais raras. As campanhas de Argentina e Peru não justificam a ocorrência de uma das maiores goleadas da história das Copas do Mundo em um período mais avançado da disputa. Os fatos que se sucederam principalmente antes (entrada de Videla e Kissinger no vestiário peruano) e durante (suposta facilidade entregue pelo Peru) aquela partida também a tornam contestável.

Nunca foi provado o que de fato aconteceu com os jogadores peruanos naquele dia 25 de junho. Fato é que foi incomum, já que na primeira fase, o Peru venceu por 3x1 a Escócia, por 4x1 o Irã e empatou por 0x0 com a Holanda, vice-campeã daquele mundial. Além disso, um dos vice-artilheiros<sup>35</sup> daquele mundial, Teófilo Cubillas, também era peruano. Depois do

---

<sup>35</sup> Jogadores com mais gols em um evento de futebol. No caso de Cubillas ser um dos vice-artilheiros, significa que foi um dos segundos jogadores com maior número de gols naquela Copa.

acontecimento de 1978 e da classificação à Copa de 1982, a seleção peruana ficou 36 anos sem disputar uma Copa do Mundo, tendo se classificado novamente somente em 2018, para a Copa disputada na Rússia.

Uma matéria realizada pela Placar e publicada em 14 de março de 2018, cita a entrevista do ex-jogador de futebol José Velásquez, feita ao jornal peruano Trome. Ao veículo, o ex-meio-campista falou sobre a partida que eliminou o Peru em 1978. Ele fez parte da escalação peruana no início daquela partida, mas foi substituído logo após o segundo gol argentino, que ocorreu no minuto 43 do primeiro tempo. Na entrevista, o peruano disse que “(...) se venderam desde o presidente. Seis jogadores nossos se venderam<sup>36</sup>.” (Placar, 2018). Ele também acusou o treinador daquela equipe, Marcos Calderón, de também ter se vendido para os argentinos: “seis de nós nos reunimos um dia antes com o treinador e pedimos que Quiroga não jogasse, por ser argentino. Ele aceitou, mas no dia seguinte mudou de ideia” (Placar, 2018). Ramón Quiroga foi goleiro da equipe peruana naquela Copa. Nascido em Rosário, na Argentina, ele se naturalizou peruano, no ano de 1976. Quiroga foi um dos personagens principais daquela partida.

Velásquez ainda contou que o vestiário peruano recebeu a visita de Jorge Videla, presidente argentino, e Henry Kissinger, secretário de Estados dos Estados Unidos, antes da partida. O intuito dos visitantes foi desejar sorte. Em um tom revoltado, o ex-jogador disse: “(...) o que eles tinham que fazer ali? Foi uma maneira de nos pressionar, de encontrar quem tinha se vendido. A corrupção sempre existiu” (Placar, 2018).

A mesma reportagem também cita outro jogador daquela seleção, Germán Leguía, que comentou sobre algumas das falas de Velásquez. Leguía, por sua vez, citou outro fato daquela partida, quando o treinador peruano escalou seu time sem um centroavante, cuja única função é fazer gols. Sobre a entrada de Videla e Kissinger no vestiário, recordou algumas palavras do argentino, onde citou argentinos e peruanos como irmãos, leu um comunicado de Morales Bermúdez (na época, ditador peruano) e colocou que os argentinos sempre defenderam e colaboraram com os peruanos. Ao fim de sua fala, disse: “... era como se dissesse que se a Argentina não fosse campeã arrebentaria tudo” (Placar, 2018).

Ainda na edição nº 427 da Revista Placar, Sérgio Carvalho escreveu que “o time argentino é cheio de defeitos e poucos são os jogadores de categoria. Não tem a força que

---

<sup>36</sup> A expressão ‘se vender’ no futebol significa que os jogadores não se esforçaram o suficiente em campo, normalmente por terem sido pagos pelo time adversário ou algo desse tipo. Normalmente, o que ocasiona esse tipo de situação é o fato de o time adversário ter um interesse maior naquela vitória e precisar disso acima de tudo. No caso desta partida, a vitória da Argentina era importante para o time segue vivo na Copa e, posteriormente, ser campeão.

aqueles 6 a 0 insinuaram” (Revista Placar, 1978, p. 42). Ou seja, a equipe argentina não tinha força para vencer a equipe peruana por 6x0 e eliminar os brasileiros. Será difícil provar que realmente houve a compra de jogadores peruanos por parte dos argentinos, mas a classificação argentina para a final da Copa do Mundo de 1978, em sua casa e diante da sua torcida, sempre será, de alguma forma, contestada. Assim como a própria disputa do mundial foi manchada, e cheia de manifestações pelo país, principalmente, na capital Buenos Aires.

Após a partida, Videla declarou que “nossos jogadores mostraram coragem, coração e a vontade de vencer que o povo argentino possui em todos os aspectos” (Magalhães; Cordeiro, 2016)<sup>37</sup>, defendendo que a vitória era consequência da luta, coragem e entrega dos jogadores em campo, representando toda a nação argentina que os assistia.

No entanto, para que fosse possível toda essa luta e entrega em campo, era fundamental que os jogadores argentinos viajassem menos e jogassem no maior estádio destinado à Copa. Por isso, outra grande questão foi a distância percorrida pelas equipes para a realização das partidas. Os três primeiros jogos da Argentina foram no mesmo estádio, o Monumental de Nuñez, na capital argentina. Se a equipe alviceleste tivesse passado para a segunda fase em 1º lugar do seu grupo, teria jogado todas as partidas lá. Como não foi o caso, na segunda fase, a Argentina jogou as 3 partidas em Rosário. Para a final, voltou para a capital, novamente no Monumental de Nuñez. A Holanda, adversário na grande final, jogou as 3 primeiras partidas em Mendoza, cidade localizada mais ao oeste argentino. As primeiras duas partidas da segunda fase foram em Córdoba, essa mais ao centro do país, enquanto a terceira partida, bem como a final, se deram no Estádio Monumental de Nuñez. Enquanto a Argentina viajou cerca de 598 km entre a disputa da primeira e da última partida do mundial, a Holanda viajou cerca de 1300 km, mais que o dobro. A quantidade de viagens feitas por um país durante um campeonato tão curto como o da Copa do Mundo (em 1978, disputadas em 23 dias), pode ser determinante para um título. Quanto mais esses jogadores e comissão técnica viajam, mais eles se cansam e se desgastam. Tanto a seleção argentina quanto a seleção holandesa jogaram 7 partidas em 23 dias, uma média de 1 partida jogada a cada quase 4 dias. Precisar fazer longas viagens no período entre uma partida de uma fase específica da Copa do Mundo e outra (como foi o caso da Holanda em 1978) torna o campeonato cansativo e desgastante.

---

<sup>37</sup> Originalmente: nuestros jugadores mostraron coraje, corazón y esas ganas de ganar que en todos los aspectos tiene el pueblo argentino.

### 3.3 AS MÃES DA *PLAZA DE MAYO*

Palco importante da política e das celebrações argentinas, a Plaza de Mayo (figura 21) está localizada no centro da cidade de Buenos Aires, e é a principal praça da capital argentina. Sua concepção e seu nome se deram em uma homenagem à Revolução de Maio, em 1810, que iniciou o processo de independência da Argentina, então colônia espanhola. Sua construção se deu em 1885, e o local sempre foi importante para a política da cidade, seja no período colonial ou republicano, foi importante para o governo de Perón e também para o governo de Videla. Há algumas construções importantes nesse local, como a Casa Rosada (sede da presidência argentina) e a Catedral Metropolitana. Há, também, monumentos importantes na história argentina, como a Pirâmide de Mayo<sup>38</sup> e a estátua de Manuel Belgrano<sup>39</sup>.

**Figura 21** - Praça de Maio, com a bandeira da Argentina ao centro e a sede da presidência argentina ao fundo.



**Fonte:** Aguiar Buenos Aires, 2023.

Ainda no governo de Perón, este local foi importante para celebrações envolvendo o governo. Era lá que as festas cívicas frequentemente aconteciam. Durante as celebrações do Dia do Trabalho na Argentina, diversos desfiles aconteciam pelas ruas da cidade de Buenos Aires e terminavam na Praça de Maio, onde todos se concentravam. Quem estava na frente da multidão durante o desfile era o casal Juan e Evita Perón, que, ao chegarem até o local final, discursavam para a multidão (Costa, 2008). Já na década de 1950 a praça tinha essa importância. É neste local que também acontecem as celebrações de triunfos esportivos, como a comemoração do tricampeonato mundial em 2022. O que prova que, atualmente, essa

---

<sup>38</sup> Originalmente: Pirâmide de Mayo. Construído logo depois da Revolução de Maio e originalmente colocado na Praça da Vitória, monumento foi translado para a Praça de Maio em 1912

<sup>39</sup> Herói da independência do país e autor da bandeira.

praça segue sendo importante para a política e o dia a dia dos argentinos, sendo um lugar de manifestações públicas.

A praça também possui uma associação, das Mães da Praça de Maio<sup>40</sup>. Essas mulheres tinham em comum a dor de terem seus filhos perdidos para o regime e a vontade de justiça. Ainda em 2025 elas buscam notícias e justiça pelos filhos desaparecidos. A busca ainda acontece em razão de muitos dos desaparecidos ainda não terem sido encontrados, ou nem mesmo reconhecidos como mortos.

**Figura 22** - as mães protestam na Praça de Maio, com o cartaz que diz “que apareçam com vida os detidos e desaparecidos”.



**Fonte:** Medium, 2017.

Essa associação nasceu já no segundo ano do governo de Videla, em 30 de abril de 1977. Também, estima-se que 500 bebês foram roubados, nascidos de mães que estavam na prisão. Com isso, foi criado outro movimento: as Avós da Praça de Maio<sup>41</sup>. O grupo surgiu no dia 22 de outubro de 1977. Essas mulheres, portanto, também são mães de desaparecidos, mas suas filhas e noras foram sequestradas pela ditadura argentina enquanto estavam grávidas. Por sua vez, elas procuram seus netos, que nasceram em centros clandestinos e foram entregues às famílias opressoras (Seoane, [s.d.]).

<sup>40</sup> Originalmente: Madres de la Plaza de Mayo.

<sup>41</sup> Originalmente: Abuelas de la Plaza de Mayo.

**Figura 23** - Avós da Praça de Maio pedindo esclarecimentos sobre seus netos nascidos em centros clandestinos opressivos.



**Fonte:** Exclamación, 2021.

Durante os últimos 48 anos, os membros dessa associação se encontram nas quintas-feiras à tarde, e caminham pela Praça de Maio em silêncio. Esse silêncio é interrompido quando uma das mães grita o nome de um dos filhos desaparecidos e, em um grito único, todas respondem: ‘Presente! Presente!’. A origem das reuniões dessas mulheres deveu-se à busca de informações sobre o paradeiro dos seus filhos, que estavam desaparecidos. O governo, por sua vez, alegava não ter conhecimento sobre seus paradeiros. Elas são reconhecidas por seus lenços brancos usados na cabeça, que simbolizam as fraldas de pano utilizadas por seus filhos (Seoane, [s.d.]).

Com o mundial ocorrendo em território argentino, o movimento das Mães da Praça de Maio cresceu, e ganhou visibilidade internacional. Em setembro de 1979, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA) visitou a Argentina, e as mães apresentaram formalmente as denúncias sobre o desaparecimento dos seus filhos. Nesse contexto, pouco mais de um ano após a realização do mundial, os crimes realizados pela ditadura ficaram conhecidos em todo o mundo.

Ainda hoje essas mulheres lutam para encontrar seus filhos e netos, e homenagear essas pessoas, que seguem desaparecidas. Para achar essas pessoas, segundo Seoane, elas buscam de quatro formas: denúncias e reivindicações às autoridades governamentais, nacionais e internacionais; representações à justiça; solicitações de colaboração dirigidas ao povo em geral; e pesquisas ou investigações pessoais. Até o mês de dezembro do ano de 2014, 116 filhos das mulheres das Mães e Avós da Praça de Maio foram encontrados.

Enquanto isso, ainda há anúncios na televisão e no rádio, pedindo que pessoas com dúvidas sobre sua identidade procurem a organização dessas mulheres e realizem um exame de DNA.

A Associação das Mães da Praça de Maio existe há quase 50 anos, tendo iniciado no segundo ano de um governo autoritário, no último período ditatorial vivido pela Argentina durante o século XX.

Durante os anos da ditadura argentina, ocorriam os chamados ‘voos da morte’. No local chamado de Campos de Mayo, estava localizado um dos maiores centros de detenção clandestino da ditadura argentina. Esse centro estava localizado no prédio da ESMA (Escola Superior de Mecânica Marinha), na zona norte da capital argentina. Esses voos aconteciam uma ou duas vezes por semana, principalmente no período de 1976 e 1977. Para ocorrerem, eram selecionadas de 25 a 30 pessoas, que recebiam injeções (compostas por pentotal ou Ketalar<sup>42</sup>), que as deixava sonolentas, posteriormente eram despidas e transferidas de caminhão para o Aeroporto Metropolitano Jorge Newberry, na cidade de Buenos Aires. Após isso, essas pessoas eram embarcadas em um avião do Exército argentino e jogadas ao Rio da Prata ou ao mar. Dentro dos campos de concentração, os aprisionados não sabiam o que iria acontecer com eles. Vale destacar que, das pessoas que iam para os centros clandestinos, acredita-se, que nenhuma delas sobreviveu. Também, esses presos não tinham detenção legal e não necessariamente eram opositores ao regime. Sobre como as pessoas ficavam no campo de concentração, o portal de notícias, CartaCapital, escreveu em 2014:

Nu, encapuzado, acorrentado pelos pés e obrigado a permanecer agachado. Sem poder se mexer ou falar, as horas iam ficando cada vez mais pesadas na escuridão das chamadas “cuchetas” – cubículos de 80 centímetros de altura, sem teto e de paredes de divisórias de madeira. A estrutura vazada permitia aos guardas monitorar todos os prisioneiros simultaneamente dentro da Escola de Mecânica da Armada. [...] O espaço controlado pela Marinha argentina era o exemplo daquilo que funcionava, ao mesmo tempo, como criação periférica e medular do regime.

Foram criados vários campos de concentração e extermínio. Dentre as 23 províncias do país, em 11 delas esses locais foram instalados, totalizando 340. Eles funcionaram de 1976 a 1982. Ou seja: foram 6 anos torturando, causando desaparecimentos e ocultando cadáveres de pessoas ativamente opositoras ao regime ou pessoas que não se declararam como contrárias.

---

<sup>42</sup> Substâncias usadas para induzir a pessoa a dormir ou a manter a anestesia, respectivamente.

### 3.4 O GOVERNO DO PRESIDENTE VIDELA

Ao som de uma marcha militar, o general Videla condecorou Havelange na cerimônia da inauguração, celebrada no Estádio Monumental de Buenos Aires. A poucos passos dali, estava em pleno funcionamento o Auschwitz argentino, o centro de tortura e extermínio da Escola Mecânica da Armada. E alguns quilômetros além, os aviões lançavam prisioneiros vivos para o fundo do mar (Galeano, p. 175).

Jorge Rafael Videla Redondo era natural de Mercedes, na Argentina. Nasceu no dia 2 de agosto de 1925 e faleceu no dia 17 de maio de 2013, em Buenos Aires. Diferente do outro presidenciável, Videla não era fanático por futebol, não ia a jogos de futebol e nem ouvia os jogos com radinho de pilha. Mas assim como Emílio Médici, também ele usou o esporte de forma política. O então presidente argentino aproveitou a pouca diferença de quilômetros entre um estádio e outro e foi a todos os jogos da Argentina durante a Copa. Após a final, como já descrito aqui, o militar entregou a taça de campeão do mundo ao capitão da Argentina, Daniel Passarella.

Videla foi nomeado para vários cargos militares dentro do governo argentino, até se tornar o 39º presidente da República da Argentina. Após o golpe militar de 1976, Videla foi colocado na presidência da República argentina, e tomou posse no dia 29 de março de 1976. Diferente de como acontecia no Brasil, Videla não pertencia a nenhum partido político.

O ex-presidente ditador foi filho de um militar, chamado Rafael Eugênio Videla Bengolea. Sua família possuía uma forte marca política, e Videla começou sua carreira militar no ano de 1942, graduado no ano de 1944 como segundo tenente. Ele se formou como oficial do Estado Maior no ano de 1954, e atuou no Ministério da Defesa entre os anos de 1958 a 1960, dirigindo a Academia Militar até o ano de 1962. Em 1971, ele foi promovido a general de brigada, e foi nomeado diretor do Colégio Militar Nacional. Em julho de 1975, passou a estar à frente do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas da Argentina. Ficou até agosto de 1975, quando foi nomeado pela então presidente, Isabelita Perón, para a posição de general-comandante do Exército argentino, o mais alto cargo do Exército.

Também diferente do outro presidenciável, Videla não entrou em um governo tranquilo para os militares. Ele foi o primeiro presidente desta ditadura, em uma época em que a política argentina era assolada por corrupção, caos econômico e inflação. Assim, coube ao então presidente os trabalhos do Congresso argentino, dar poderes legislativos a um grupo de 9 militares e viabilizar que os principais cargos do governo fossem compostos por

militares. Enquanto isso, no lado da esquerda do país, os sindicatos pararam de funcionar, e milhares de pessoas, suspeitas de serem guerrilheiras, desapareceram.

Videla tomou posse em 30 de março de 1976. É importante destacar que, naquele ato, não é só ele quem toma o governo, mas também é o momento em que o golpe militar de 1976 é consolidado. Por isso o discurso de posse deste presidente é tão importante: ele traria à tona as motivações do golpe e o que aqueles militares pretendiam. Ao assumir a cadeira máxima da Casa Rosada, Videla se direciona à população em um discurso que procura justificar o golpe militar. Naquele momento, ele disse à população que àquela seria a única forma de resolver os problemas econômicos, administrativos e sociais do país, sendo os principais trechos do início, conforme registrados por Opera Mundi (2018):

O país passa por uma das fases mais difíceis de sua história. Levado para muito próximo da desagregação, a intervenção das Forças Armadas constituiu a única alternativa possível, diante da deterioração causada pelo desgoverno, pela corrupção e pela complacência. [...] As Forças Armadas, sabendo que o seguimento da normalidade não oferecia um futuro aceitável ao País, avançaram a única resposta possível a essa situação crítica. Tal decisão, baseada na missão e na própria essência das Instituições Armadas, pôs-se a ser executada com uma seriedade, responsabilidade, firmeza e equilíbrio que mereceram o reconhecimento do Povo Argentino. Deve, porém, ficar claro que os eventos ocorridos em 24 de março de 1976 não provocaram apenas a queda de um governo. Significaram, pelo contrário, o encerramento definitivo de um ciclo histórico e a abertura de um novo, cuja característica básica residirá na tarefa de reorganizar a Nação, executada com real vocação de serviço pelas Forças Armadas. Este processo de reorganização nacional demandará tempo e esforços, requererá uma grande disposição para a convivência, exigirá de cada um sua porção de sacrifício pessoal e deverá contar com a confiança sincera e efetiva dos argentinos (Videla, 1976)<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Originalmente: el país atraviesa una de las etapas más difíciles de su historia. Al borde de la desintegración, la intervención de las Fuerzas Armadas fue la única alternativa posible, dada la interferencia causada por el desgobierno, la corrupción y la complacencia. [...] Las Fuerzas Armadas, conscientes de que la continuidad de la normalidad no ofrece un futuro aceptable para el país, han propuesto la única respuesta posible a esta crítica situación. Esta decisión, basada en la misión y la esencia misma de las Instituciones Armadas, se llevó a cabo con una seriedad, responsabilidad, firmeza y equilibrio que le valió el reconocimiento del pueblo argentino. Sin embargo, debe quedar claro que los sucesos del 24 de marzo de 1976 no solo provocaron la caída de un gobierno. Por el contrario, significaron el fin definitivo de un ciclo histórico y el inicio de uno nuevo, cuya característica fundamental residirá en la tarea de reorganizar la Nación, llevada a cabo con auténtica vocación de servicio por las Fuerzas Armadas. Este proceso de reorganización nacional requerirá tiempo y esfuerzo, requerirá una gran voluntad de convivencia, exigirá de cada uno su cuota de sacrificio personal y tendrá que contar con la confianza sincera y efectiva del pueblo argentino.

Através do discurso, é possível perceber como Videla justificava a tomada do poder. Ele colocava as Forças Armadas como os únicos com capacidade de resolver os supostos problemas argentinos. Dentre os quais estava a economia, apontada como uma das maiores preocupações daquele, e o presidente também falou sobre em seu discurso:

Uma direção econômica vacilante e pouco realista levou o país rumo à recessão e ao início do desemprego, com sua inevitável sequela de angústia e desânimo, herança que recebemos e que trataremos de remediar. [...] O governo, a partir de agora, direcionará sua ação para a solução pragmática dos grandes problemas econômicos (Videla, 1976)<sup>44</sup>.

Porém, de acordo com o portal de notícias Globo News, o governo de Videla foi profundamente marcado por uma série de fracassos econômicos, que agravaram a já delicada situação da Argentina. Durante os cinco anos em que permaneceu no poder, a taxa de pobreza no país aumentou drasticamente, passando de 5% para alarmantes 28%, evidenciando o impacto negativo das políticas econômicas adotadas pela ditadura. Além disso, a inflação, que já era considerada elevada antes do golpe de 1976, se intensificou ainda mais sob seu regime, saltando de 182% para 343%, quase o dobro. Esses índices refletem não apenas a deterioração das condições de vida da população, mas também a instabilidade e ineficiência das medidas econômicas implementadas durante aquele período autoritário.

Videla não conseguiu resolver os problemas econômicos da Argentina, mas tentou esconder os problemas que o país estava passando com a realização da Copa do Mundo de futebol masculino. Tornando este, um de seus maiores feitos de governo. Como receberia um evento que iria demandar de grande organização interna, os olhos do mundo estavam voltados para a Argentina, que já recebia acusações de violações dos direitos humanos. Os militares, por sua vez, afirmavam que aquilo se tratava de uma campanha internacional dirigida contra a Argentina (Magalhães; Cordeiro, 2016). A Copa do Mundo chegou num momento importante para o país, já que precisava de apoio da sociedade civil. Para Magalhães e Cordeiro (2016), somente ganhar a Copa do Mundo não bastava, era preciso também mostrar a organização do evento como propaganda. Ainda, dias após a vitória de 1978, Videla declarou:

---

<sup>44</sup> Originalmente: una dirección económica vacilante e irrealista ha llevado al país a la recesión y al surgimiento del desempleo, con sus inevitables consecuencias de angustia y desaliento, un legado que hemos recibido y que intentaremos remediar. [...] El gobierno, de ahora en adelante, orientará su acción hacia la solución pragmática de los principales problemas económicos.

Aquele grito da Argentina que saiu unanimemente de nossos corações, aquela única bandeira azul e branca que tremulou em tantas mãos, são sinais de uma realidade profunda que ultrapassa os limites de um acontecimento esportivo. Eles são a voz e a bandeira de uma nação que, na plenitude de sua dignidade, se encontrou (Magalhães, Cordeiro; 2019)<sup>45</sup>.

Por assim dizer, a realização da Copa, que o país argentino desejava há quase 40 anos, finalmente aconteceu, e com grande êxito para o país sede. Ainda, a posição de presidente da República dava algumas regalias para Videla, principalmente no fato de que ele pôde entregar a taça ao campeão do mundo como chefe de Estado do local da competição. Como assistiu a todos os jogos no estádio, pôde ouvir a população o ovacionar seis vezes, em todos os jogos da Argentina.

Mesmo sendo ovacionado dentro dos estádios, essa era uma pequena parte da população. O restante das pessoas reagiu de maneira diferente, se comparada à brasileira. É claro, muitos argentinos comemoraram o título mundial inédito, mas o país é muito mais marcado por resistência, denúncias e busca por memória, verdade e justiça pelos desaparecidos. Prova disso é o nascimento de organizações pró direitos humanos, como exemplo as Mães e as Avós da Praça de Maio, já citadas anteriormente.

Diferente dos presidentes militares brasileiros, Videla foi julgado e condenado pelos seus crimes enquanto esteve no cargo mais alto do poder Executivo argentino. Foi elaborada a tabela 5, que pode esclarecer os desdobramentos que envolveram Videla após o fim da ditadura argentina.

---

<sup>45</sup> Originalmente: ese grito de Argentina que surgió unánime de nuestros corazones, esa única bandera celeste y blanca que flameó en tantas manos, son signos de una realidad profunda que excede los límites de un acontecimiento deportivo. Son la voz y la enseña de una nación que, en la plenitud de su dignidad, se ha encontrado consigo misma (Videla, 1978).

**Tabela 5 - processo de prisão de Videla.**

Ano	Acontecimento
1985	Condenado à prisão perpétua
1990	Perdoado, pelo então presidente, Carlos Menem
1998	Condenado à prisão domiciliar
2007	Anulado o perdão de Carlos Menem
2008	Transferido para prisão recolhida
2010	Condenado à prisão perpétua
2012	Recebeu sentença de mais 50 anos de prisão
2013	Morreu na prisão, cumprindo sua pena

Fonte: elaborado pela autora.

Dois anos após o fim da ditadura, Videla foi condenado por assassinato e sentenciado a prisão perpétua, mas foi perdoado pelo presidente Carlos Menem, em 1990. 8 anos depois, Videla foi acusado do sequestro de bebês e condenado à prisão domiciliar. No ano de 2007, porém, foi anulado o perdão pelos crimes concedido por Menem, e em 2008, Videla foi recolhido para a prisão. No dia 22 de dezembro de 2010, ele foi condenado à prisão perpétua, por crimes de lesa-humanidade, ou seja, crimes contra a humanidade. No mês de julho de 2012, Videla ainda foi condenado a mais 50 anos de prisão, acusado de ter supervisionado o sequestro de bebês retirados de presos políticos, mortos ou recém-nascidos (Encyclopaedia Britannica, 2025).

Jorge Rafael Videla morreu no dia 17 de maio de 2013, aos 87 anos, vítima de uma parada cardíaca. O local da morte foi a prisão de Marcos Paz, que fica a 50 km da cidade de Buenos Aires. Apesar disso, Videla nunca se arrependeu dos seus crimes, e se declarava um preso político.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao entender o tamanho do Brasil, percebe-se que se trata de um país de dimensões continentais, possuindo 8.510.000 km<sup>2</sup>. Já ao observar a Argentina, verifica-se ser um país 3 vezes menor, com 2.780.000 km<sup>2</sup> de área. Durante suas respectivas ditaduras militares, os números oficiais de mortos e desaparecidos impressionam: referente ao Brasil, o número mais aceito é de 475, enquanto o da Argentina gira em torno de 9 mil pessoas. Porém, no país

vizinho ao Brasil, organizações dos direitos humanos contestam essa afirmação, afirmando que o número de desaparecidos é estimado entre 8761 e 30 mil pessoas.

É relevante refletir sobre o contraste entre Brasil e Argentina no que diz respeito à repressão promovida pelos regimes militares, especialmente considerando suas diferenças populacionais. No início da década de 1970, a população brasileira era aproximadamente 75% maior do que a população argentina. Ainda assim, o número de vítimas oficiais da ditadura argentina é cerca de 53% superior ao registrado no Brasil.

Outro dado que evidencia a intensidade da repressão na Argentina diz respeito aos centros clandestinos de detenção, frequentemente comparados a campos de concentração: foram identificados 340 ao longo do território nacional. A Argentina é composta por 23 províncias, o que representaria, em média, quase 15 centros por província. Contudo, esses centros estavam distribuídos em apenas 11 províncias, o que eleva a média para aproximadamente 31 campos por província nessas regiões.

Em parte, foram esses campos de concentração que causaram os desaparecimentos e as mortes de muitas pessoas e, como consequência, originaram também as associações, das Mães e das Avós da Praça de Maio. Associações que seguem ativas, ainda buscando informações sobre os filhos e netos que permanecem desaparecidos.

Com base no que foi exposto até aqui, fica clara a união entre futebol e política feita pelos governantes de Brasil e Argentina, no período em que seus países foram campeões da Copa do Mundo de futebol masculino. No Brasil, muitos acontecimentos marcaram o ano de 1970: foi o início do milagre econômico e a consolidação da chegada ao topo do futebol masculino mundial, com a conquista da taça Jules Rimet, que ficou em terras brasileiras para sempre. Mas também, terceiro ano de vigência do Ato Institucional nº 5 e auge da repressão ditatorial. Já na Argentina, o ano de 1978 foi muito marcante, tendo a possibilidade de mostrar sua organização interna para ser sede de um torneio de futebol, sendo o quinto país a ser campeão do mundo diante do seu torcedor. Naquele ano, o país estava apenas no seu segundo ano de ditadura, já enfrentava acusações dos direitos humanos e a Associação das Mães da Praça de Maio havia iniciado há pouco tempo.

Os dois países tiveram muitas mortes durante o período ditatorial, a maioria dessas mortes de pessoas que eram opositoras ao regime vigente. Além de mortes, muitos desaparecimentos também ocorreram, e algumas pessoas só foram dadas como mortas alguns anos após o fim do período ditatorial. No entanto, mesmo quase 50 anos após a redemocratização dos dois países, muitas dessas pessoas seguem como desaparecidas.

Uma das diferenças de Emílio Garrastazu Médici e Jorge Rafael Videla é a relação de cada um com o esporte. Médici era fanático, ia a jogos nos estádios e ouvia os jogos em radinhos de pilha. Unia o útil ao agradável. Enquanto praticava uma de suas paixões, se mostrava para a população como um homem do povo, e que agia como o povo. Videla, por sua vez, não gostava de futebol. Apenas usou do esporte e do evento mundial de futebol masculino para mostrar ao mundo uma Argentina organizada, tanto que pôde assistir a todos os jogos da Argentina dentro do estádio. Médici se aproveitou do título brasileiro, usando-o como propaganda política e mostrando que o Brasil era um país forte, unido, em desenvolvimento e em progresso. A seleção brasileira venceu a Copa sem polêmicas, apenas por ter a melhor equipe. Videla, por sua vez, fez de tudo para que a Argentina pudesse vencer este campeonato, aproveitou muito bem o evento na terra argentina para mostrar uma imagem positiva, tentando mascarar a repressão interna. Além disso, o título ainda é cercado pela polêmica do jogo contra o Peru.

Outra diferença grande é a forma como cada um é lembrado. Médici nunca foi julgado, e conseqüentemente, nunca pagou por nenhum de seus crimes. Faleceu vítima de um Acidente Vascular Cerebral, e deixou cidades, bairros, ruas e escolas com seu nome. Já Videla foi julgado e condenado à prisão perpétua. Posteriormente, foi julgado por outros crimes e condenado a mais 50 anos de prisão. Faleceu vítima de parada cardíaca. Acusado de tortura, desaparecimentos, mortes e sequestros de mulheres grávidas, Videla nunca se arrependeu dos seus crimes, e se declarava um preso político.

Em 1979, o então presidente brasileiro, João Figueiredo, assinou uma Lei de Anistia, que beneficiou os militares brasileiros. Essa lei nunca foi revogada e, apesar da realização da Comissão Nacional da Verdade (que julgou os crimes contra a humanidade ocorridos no Brasil entre 1946 e 1988), nenhum deles foi preso. Durante o ano de 1983, no governo de Raúl Alfonsín, também foi assinada uma Lei de Anistia, que beneficiou os militares argentinos. Porém, em 2005, o Supremo Tribunal Federal argentino considerou esta lei inconstitucional, e abriu caminhos para a ocorrência dos julgamentos por crimes contra a humanidade.

Todos os anos, alguns clubes do futebol brasileiro e argentino relembram o início do período ditatorial de seus respectivos países. As lembranças acontecem através das redes sociais, no dia 1º de abril para o Brasil e 24 de março na Argentina, aniversário dos respectivos golpes. No entanto, enquanto vários clubes de futebol importantes da Argentina lembram deste dia, no Brasil poucos clubes fazem memória. É importante trazer essa lembrança à tona de forma recorrente inclusive no futebol, para que não caia no

esquecimento da população. A principal função dessas publicações deve ser lembrar a população daquilo que elas nunca devem esquecer. Sendo o futebol um esporte com tanta popularidade nos dois países, essa deve ser a sua função social.

Essas são duas das grandes diferenças entre Brasil e Argentina: a forma como seguiu o julgamento dos beneficiados pela anistia durante o governo ditatorial e como este período é lembrado. Enquanto o período ainda é motivo de saudosismo para muitos, como uma época onde a ordem e a segurança prevaleciam e que deveria voltar, para tantos outros é lembrado como um período de autoritarismo, e que, em hipótese alguma, deveria ser cogitado novamente. Nos dois países, a ditadura não somente matou e deixou desaparecidos, ela deixou rastros de sangue, arbitrariedade e saudades das pessoas que foram vistas pela última vez naquelas épocas.

Para que nunca mais aconteça, para que nunca mais se repita. Ditadura nunca mais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR. Plaza de Mayo em Buenos Aires. Aguiar Buenos Aires. Disponível em: <<https://aguiarbuenosaires.com/plaza-de-mayo-em-buenos-aires/>>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- ARGENTINA. Junta Militar. Documentos basicos y bases politicas de las Fuerzas Armadas para el Proceso de Reorganización Nacional. Buenos Aires: Forças Armadas, 1980. p.64.
- ARGENTINA teve 340 campos de concentração. CartaCapital. [s.l.], 17 fev. 2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/horror-e-morte-nos-campos-de-concentracao-da-argentina-nao-publicar-247/>>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- BATOM e Futebol. México, 1970: Juanito. Batom e Futebol. Disponível em: <<https://batomefutebol.wordpress.com/tag/juanito/>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- BBC News Brasil. Selo postal da Copa do Mundo de 1934, na Itália comandada por Mussolini. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-63739138>>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BENÍTEZ, Kiko. La Holanda de Cruyff contra la dictadura de Videla. Beers & Politics, [s.l.]. Disponível em: <<https://beersandpolitics.com/johan-cruyff-futbol-videla-holanda-argentina/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.
- BIBLIOTECA da Presidência. **Emílio Garrastazu Médici**. Biblioteca da Presidência. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici>>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BRASIL. Congresso, Câmara dos Deputados. Golpe de 1964. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1964. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/radio/programas/269224-golpe-de-1964-05-14/>>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- BRASIL. [Constituição 1964]. **Constituição Federativa do Brasil de 1964**. Brasília, DF: Presidente da República, 1968. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- BRASIL. [Constituição 1964]. **Constituição Federativa do Brasil de 1964**. Brasília, DF: Presidente da República, 1978. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc\\_anterior1988/emc11-78.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc_anterior1988/emc11-78.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- BRASIL. [Constituição (1967)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao67.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm)>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- BRASIL. [Constituição (1968)]. **Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-05-68.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm)>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BRASIL. [Constituição (1979)]. **Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm)>. Acesso em: 17 nov. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Biblioteca. Conteúdo presidencial digital: Emílio Garrastazu Médici. Disponível em: <<https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CAPELATO, Maria Helena. Memória da ditadura militar argentina: um desafio para a história. **Revista de Pesquisa Histórica**. Local, v. 24, n. 1, p. 62-81, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24758/20032>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CASTRO, Felipe. **Gaúcho da Copa**: o amor pela seleção brasileira, de pai para filho. Placar, 19 mar. 2018. Disponível em: <<https://placar.com.br/placar/gaucha-da-copa-o-amor-pela-selecao-brasileira-de-pai-para-filho/>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

CEZER, Marcos. **El jugador holandés que visitó a las Madres**: “fue muy conmoviente”. Página 12, [s.l.]. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/269407-el-jugador-holandes-que-visito-a-las-madres-fue-muy-conmocio>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

CIDADE Verde.com. Os 50 anos do Estádio Albertão na TV Cidade Verde. CidadeVerde.com. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/397354/os-50-anos-do-estadio-albertao-na-tv-cidade-verde>>. Acesso em: 5 fev. 2025.

COPA do Mundo 1970 - México. GloboEsporte.com, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-1970-mexico.html>>. Acesso em: 5 de fev. 2025.

COPA do Mundo 1978 - Argentina. Gauchito, o mascote da Copa. Globo Esporte.com. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-1978-argentina.html>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

COPA do Mundo 1978 - Argentina. Kempes comemora gol contra o Peru, em jogo que ainda hoje gera suspeitas. Globo Esporte.com. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/historia/copa-do-mundo-1978-argentina.html>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

COSTA, Maurício da Silva Drummond. **Noções em jogo**: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

EL Bando. Dicas para a BR-230 Transamazônica. El Bando. Disponível em: <<https://www.elbando.com.br/2016/06/23/dicas-para-a-br-230-transamazonica/>>. Acesso em: 5 fev. 2025

ENCICLOPÉDIA Britannica. Jorge Rafael Videla. [s.l.], 13 maio 2025. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Dirty-War-Argentina>>. Acesso em: 22 jun. 2025.

EXCLAMACIÓN. **Mães e Avós da Praça de Maio**: força feminina na ditadura argentina. Exclamación. Disponível em: <<https://exclamacion.com.br/2021/05/08/maes-e-avos-da-praca-de-maio-forca-feminina-na-ditadura-argentina/>>. Acesso em: 1 jun. 2025.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **Médicos e o futebol**: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Proj. História**, São Paulo, (29) tomo I, p. 267-279, dez- 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958/7397>>. acesso em: 30 nov. 2024.

G1.com. Clóvis com réplica da taça em jogo contra Colômbia na Copa de 2014. G1.com. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/09/gaicho-da-copa-morre-aos-60-anos-vitima-de-cancer-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

HISTÓRICO da Ditadura Civil-Militar argentina. Memória e Resistência. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <[https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page\\_id=239](https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page_id=239)>. Acesso em: 2 mar. 2025.

KIEFER, Sandra. **Documentos revelam detalhes da tortura sofrida por Dilma em Minas na ditadura**. Estado de Minas, [s.l.], 17 jun. 2012. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/06/17/interna\\_politica,300586/documentos-revelam-detalhes-da-tortura-sofrida-por-dilma-em-minas-na-ditadura.shtml#google\\_vignette](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/06/17/interna_politica,300586/documentos-revelam-detalhes-da-tortura-sofrida-por-dilma-em-minas-na-ditadura.shtml#google_vignette)>. Acesso em: 05 fev. 2025.

LANCELOTTI, Silvio. **Curiosidades da Copa**: como o Brasil ganhou de vez a Jules Rimet. R7 Esportes, [s.l.], 18 jul. 2022. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/prisma/silvio-lancellotti/curiosidades-da-copa-como-o-brasil-ganhou-de-vez-a-jules-rimet-18072022/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **A Copa do Mundo da ditadura ou da resistência?** Comemorações e disputas de memórias sobre a Argentina de 1978. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v. 32, n. 68, p. 675-694, set-dez 2019.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2014.

MALAIA, João Manuel Casquinha; FORTES, Rafael. **‘Brasil-grande, estádios gigantesco**s’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. **Tempo**, v. 27, p. 165-183, 2021.

MEDIUM. “Que apareçam com vida os detidos e desaparecidos”. Medium. Disponível em: <<https://medium.com/revista-subjetiva/mães-que-lutam-2581aa26bbda>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

MEMÓRIA Globo. Logo da Copa do Mundo do México - 1970. Memória Globo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml>>. Acesso em: 23 nov. 2024.

MEMÓRIA Globo. Logo da Copa do Mundo da Argentina - 1978. Memória Globo. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-da-argentina-1978/noticia/copa-do-mundo-da-argentina-1978.ghtml>>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MEMÓRIAS da Ditadura. Registro do juramento de Jorge Videla como presidente da Argentina após o golpe de Estado em 1976. Memórias da Ditadura. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/fotografia/registro-do-juramento-de-jorge-videla-como-presidente-da-argentina/>>. Acesso em: 13 abr. 2025.

MORI, Leticia. **Copa do Mundo**: o histórico da FIFA com governos autoritários. BBC News Brasil. São Paulo, 24 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-63739138>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

OPERA Mundi. **O fascismo por ele mesmo**: Rafael Videla. Opera Mundi, 29 dez. 2018. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/memoria/o-fascismo-por-ele-mesmo-rafael-videla/>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

PASSOS, Paulo. Defendido por Havelange, Videla usou a Copa em prol da ditadura argentina. UOL, São Paulo. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2013/05/18/defendido-por-havelange-videla-usou-copa-em-prol-da-ditadura-argentina.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PIRES, Breiller. **A seleção que ‘presenteou’ a ditadura com uma taça**. El País, São Paulo, 7 jun. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html#?rel=listaapoyo>>. Acesso em: 30 nov. 2024.

PIRES, Breiller. **João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura**. El País, São Paulo, 3 jul. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110\\_086687.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/01/deportes/1498862110_086687.html)>. Acesso em: 30 nov. 2024.

PLACAR. Ex-jogador diz que Peru se vendeu contra a Argentina em 1978. Placar, 14 mar. 2018. Disponível em: <<https://placar.com.br/placar/ex-jogador-diz-que-peru-se-vendeu-contra-argentina-em-78/>>. Acesso em: 1 jun. 2025.

PRESIDENTE DA SEMANA: **Emílio Garrastazu Médici**: crimes e milagres. Rodrigo Vizeu. São Paulo: A Folha de S. Paulo, ago. 2018. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2XwPqzLuwxBKvisVpHUNsv>>.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. 1ª ed. Brasília: Liber Livros, 2006.

REVISTA Placar. A volta, o Carnaval e a consagração das feras. São Paulo: Editora Abril, v. 1, n. 16, 1970. Acervo pessoal.

REVISTA Placar. Argentina é a campeã!. São Paulo: Editora Abril, v. 1, n. 427, 1978. Acervo pessoal.

SANTOS, Angelo Henrique. **Análises do nível de rendimento técnico tático de uma equipe mineira de futebol profissional no Campeonato Brasileiro de 2011**: primeiro turno da série A. Monografia (Especialização em preparação física e esportiva) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9GFMSY/3/monografia\\_final\\_angelo\\_e\\_sum\\_rio\\_heloisa.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9GFMSY/3/monografia_final_angelo_e_sum_rio_heloisa.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SCARMIGLIAT, Karla. Argentina é exemplo em punição aos crimes da ditadura, mas Causa Villazo mostra morosidade. BrasilDeFato, Argentina, 14 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefatomg.com.br/2023/04/14/argentina-e-exemplo-em-punicao-aos-crime-s-da-ditadura-mas-causa-villazo-mostra-morosidade>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SEOANE, Maria. Mães da Praça de Maio. Enciclopédia Latino Americana, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/m/maes-da-praca-de-maio>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

SMINK, Veronica. Por que Argentina não sabe quantas pessoas 'desapareceram' na ditadura militar 40 anos após fim do regime. [s.l.], 10 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm5p4zk0jm2o>>. Acesso em: 18 maio 2025.

**TV unirá todo o Brasil ainda este ano.** *Correio Braziliense*, Brasília, 3 jan. 1970. Disponível em:

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274\\_02&pasta=ano%20197&pesq=%22jules%20rimet%22&pagfis=31](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=%22jules%20rimet%22&pagfis=31)>. p. 1. Acesso em: 23 nov, 2024.

**TV liga tôdas as capitais este ano.** *Correio Braziliense*, Brasília, 3 jan. 1970. Disponível em:

<[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274\\_02&pasta=ano%20197&pesq=%22jules%20rimet%22&pagfis=32](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=%22jules%20rimet%22&pagfis=32)>. p. 2. Acesso em: 23 nov, 2024.

UOL. **Argentina 1978**: um campeão sob suspeita. UOL, [s.d.]. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/2010/historia-das-copas/1978-argentina/campeao/>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

UOL. **Pelé ao lado de seu Fusca verde**: presente foi da prefeitura de São Paulo. UOL. [s.l.], 20 jan. 2024. Disponível em:

<<https://natelinha.uol.com.br/famosos/2024/01/20/paulo-maluf-ja-usou-dinheiro-publico-para-dar-fuscas-para-pele-e-toda-a-selecao-brasileira-206402.php>>. Acesso em: 2 mar. 2025.

VIDELA nunca mostrou arrependimento por crimes da ditadura argentina. BBC News Brasil, [s.l.], 17 maio 2013. Disponível em:

<[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/05/130516\\_videla\\_polemicas\\_mdb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/05/130516_videla_polemicas_mdb)>.

Acesso em: 01 jun. 2025.

WHITE, Mark. Ranked! The 100 best football players of all time. FourFourTwo. [s.l.], 5 set. 2013. Disponível em:

<<https://www.fourfourtwo.com/features/ranked-the-100-best-football-players-of-all-time>>.

Acesso em: 27 jul. 2024.